

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE
CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

**DIVERSIDADE DE GÊNERO: O QUE DIZEM OS
DOCENTES SOBRE SUAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS?**

Zilda Fabiane Antunes Leite

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Angelita Hentges

Pelotas - RS

Julho/2021

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE
CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

**DIVERSIDADE DE GÊNERO: O QUE DIZEM OS
DOCENTES SOBRE SUAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS?**

Zilda Fabiane Antunes Leite

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação do *Campus* Pelotas Visconde da Graça do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação, área de concentração: Formação de Professores.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Angelita Hentges

Membros da Banca:

Prof^a Dr^a Angelita Hentges - (Orientadora-CaVG/IFSul)

Prof. Dr. Marcos André Betemp's da Silva - (CaVG/IFSul)

Prof. Dr. Maykon Gonçalves Müller - (CaVG/IFSul)

Prof. Dr. Claudio Baptista Carle - (UFPEL/Pelotas)

Pelotas – RS

Julho/2021

Dedico...

Ao meu pai, Acy Brasil Silveira Leite "Nenê" que sempre lutou bravamente durante toda sua existência, e no fim da sua vida foi vencido pela doença, mas nunca desistiu de nenhuma batalha.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que nunca me abandona nos momentos mais difíceis e nos felizes também, sempre está comigo.

Ao meu pai, que partiu antes de eu poder contar a ele que concluí mais uma importante etapa na minha formação. Mas, sei que ele está me ajudando a superar as dificuldades e, mesmo com a sua postura humilde e simplicidade de trabalhador rural, por uma vida inteira, ele estará sentindo muito orgulho de mim nesse momento.

A minha mãe que sempre foi a pessoa que mais me incentivou, lutou, vibrou e vibra muito com as minhas conquistas, principalmente no campo dos estudos. Uma pessoa simples, modesta e guerreira, que não teve a oportunidade de estudar, mas sempre se sacrificou por mim a fim de poder contemplar, com muita felicidade, as minhas vitórias.

A minha filha única “Marcelle”, meu amor desmedido de sempre e para sempre, é por ela que luto e lutarei por dias melhores e por tudo de mais significativo. Quero ser um bom exemplo de garra, persistência e determinação, pois minha meta de vida é te deixar um tesouro incalculável: a “Educação”.

A minha outra filha, a de quatro patinhas, “Sophie”, que nos meus piores, mas também nos melhores momentos, sempre está deitada do meu lado, bem colada em mim, transmitindo um sentimento bom, e que tenho certeza que é muito verdadeiro e intenso.

As/os minhas/meus amigas/os que sempre me incentivaram nos momentos em que eu demonstrava desânimo e falta de motivação, foram tantas pessoas que nem vou citá-las/os para não esquecer ninguém, mas estão guardadas/os no meu coração.

Ao meu colega e amigo, Antônio Brod, por toda a ajuda, por todo o incentivo, paciência e estímulo. Foste, és e, para sempre, serás alguém ímpar na minha vida. A pessoa mais especial, inteligente, culto e de uma desmedida bondade e coração grandiosos, que eu jamais conheci antes, és tu, para sempre, meu amigo.

A minha orientadora, a Prof.^a Dr^a Angelita Hentges, por ter ficado junto comigo em toda essa jornada. És uma pessoa sensível, amiga e dentre todas as qualidades, que nem terei como mencionar aqui, és de uma inteligência que eu só posso dizer

do meu imenso orgulho de ter tido essa professora como orientadora. Obrigada, Angelita, por toda paciência, carinho e por tantas contribuições, com enorme significado, que me proporcionaste. Saiba que me marcaste profundamente, e de uma maneira positiva e eterna, muito obrigada por tanto.

Meu agradecimento a todas/os as/os professoras/es do Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias na Educação – PPGCITED – tenho o maior orgulho de ter tido mestres tão qualificados e engajados na educação como vocês são. Também meu carinho e agradecimento a todas/os as/os servidoras/es do Campus Visconde da Graça – CaVG, ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense - IFSul e ao Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias na Educação – PPGCITED.

Agradeço aos colegas de aula, por tantas alegrias, conquistas e companheirismo que tivemos durante esse tempo de convívio.

Ao “Trio Ternura”, composto por mim, Patrícia e Sandra, pois também, numa sala de aula, sempre nos identificamos mais com umas/uns que com outras/os e entre nós três foram muitas afinidades que nos aproximaram. Paty, muitíssimo obrigada por toda ajuda sempre.

As/os minhas/meus colegas, professoras/es do componente curricular de Educação Física, que atuam na Rede Pública de Pelotas, os quais foram os sujeitos deste trabalho, pela participação, carinho e por acreditarem neste projeto e contribuírem na minha entrevista, o que tornou possível e viável a realização desta pesquisa.

Por fim, a todas/os as/os demais que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação, muito obrigada, de coração!

Gratidão sempre!

RESUMO

A presente pesquisa analisa os depoimentos acerca da Diversidade de Gênero, presentes nas falas de cinco docentes do componente curricular de Educação Física, que atuam no Ensino Fundamental - anos finais - da Rede Pública de Ensino de Pelotas. O projeto está ancorado nas teorias de Giddens (2005), Scott (1995), Louro (2004), entre outras/os autoras/es, que discorrem sobre o tema da pesquisa. O problema de investigação emerge a partir do meu desempenho como Assessora de Esporte Educacional na Coordenadoria Regional de Educação (5ª CRE), na qual organizei um curso de formação continuada, cujo tema foi: “Questões da Diversidade de Gênero na Educação Física”, em 03 de julho de 2018. A procura e a participação foi tanta, que professores de outras áreas também participaram do encontro, o que me fez pensar sobre a necessidade de reflexões sobre o tema. Já mestranda, optei por retomar esse grupo, delimitando nos docentes da Educação Física, e assumindo como problema de investigação o questionamento: O que dizem os docentes do componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental sobre suas práticas pedagógicas em relação à diversidade de gênero? A partir de uma entrevista semiestruturada, retomei o contato com os docentes. A análise aconteceu buscando responder a questão principal, e encaminhou para a estruturação do produto educacional. O produto educacional resultante é um glossário sobre o tema Diversidade de Gênero. Concluo que essa pesquisa irá contribuir na formação dos docentes, de modo que esses sintam-se mais seguros e com um maior conhecimento no que se refere às questões que envolvam a diversidade de gênero.

Palavras-chave: Educação, Diversidade de Gênero, Docente, Rede Pública de Ensino.

ABSTRACT

The present research analyzes the testimonies about Gender Diversity, present in the speeches of five teachers from the Physical Education curricular component, who work in Elementary School - final years - of the Public School Network of Pelotas. The project is anchored in the theories of Giddens (2005), Scott (1995), Louro (2004), among other authors, who discuss the topic of this research. The research problem arises from my performance as Educational Sports Advisor at the Regional Education Coordination (5th CRE), in which I organized an ongoing education course, whose topic was: " Issues on Gender Diversity in Physical Education", in July two thousand eighteen. The demand and participation were so great that teachers from other fields also attended the meeting, which made me think about the need for reflections on the topic. As a master's student, I chose to restart this group, delimiting physical education teachers, and assuming as the research matter the following question: What do teachers in the Physical Education component say - final years of elementary school - about their pedagogical practices in relation to gender diversity? From a semi-structured interview, I resumed contact with the teachers. The analysis sought to answer the main question and, thus, led to the structuring of the educational product. The resulting educational product is a glossary on the topic of Gender Diversity. I conclude that this research will contribute to teachers' training, so that they have greater knowledge and feel more confident regarding issues involving gender diversity.

Keywords: Education, Gender Diversity, Teacher, Public Education Network.

LISTA DE FOTOS/IMAGENS ILUSTRATIVAS

Imagem 01 - Fotos/imagens da formação de 03 de julho de 2018	78
Imagem 02 - Algumas fotos/imagens feitas com os docentes que participaram da entrevista e autorizaram a publicação destas	84

LISTA DE DIAGRAMAS DEMONSTRATIVOS

01 Gênero e faixa etária	43
02 Rede/s que atuam	43
03 Ano de conclusão da graduação	44
04 Escolarização	44
05 Etapa/modalidade de atuação	45
06 Escola central ou periferia	45

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular;

CAPS - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior;

CaVG – Campus Visconde da Graça;

CNE – Conselho Nacional de Educação;

CRE – Coordenadoria Regional de Educação;

D – Docente;

DSM IV - Manual de Psiquiatria;

DST – Doença Sexualmente Transmissível;

EJA – Educação de Jovens e Adultos;

ESEF – Escola Superior de Educação Física;

IF Sul – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense;

JERGS – Jogos Escolares do Rio Grande do Sul;

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros;

MEC - Ministério de Educação e Cultura;

NEEJA - Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos;

PPGCITED – Programa de pós-graduação em Ciências e Tecnologias na Educação;

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais;

PNE - Plano Nacional de Educação;

R – Resposta;

SEDUC – Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul;

UFF - Universidade Federal Fluminense;

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas;

UniCesumar – Universidade Centro Universitário de Maringá;

URCAMP – Universidade da Região da Campanha.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Minha Trajetória - que veio ao encontro ao meu tema	12
1.2 No contexto da pesquisa	14
Justificativa.....	14
Problema de investigação	15
Objetivo geral	15
Objetivos específicos	15
2 REVISÃO DA LITERATURA	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO	32
4 CAMINHOS E ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	40
4.1 Dimensionamentos do universo docente e a escolha dos sujeitos da pesquisa	42
4.2 Reconhecendo os sujeitos investigados.....	43
5 COMPILAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E AVALIAÇÕES SOBRE OS DADOS OBTIDOS	47
5.1 Interpretações a partir da questão 01	47
5.2 Interpretações a partir da questão 02	52
5.3 Interpretações a partir da questão 03	58
6 PRODUTO EDUCACIONAL	64
7 CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICES	76
LINK DO PRODUTO EDUCACIONAL – Glossário: Diversidade de Gênero e Principais Expressões Relacionadas	87
ANEXOS	88

1 INTRODUÇÃO

1.1 Minha Trajetória - que veio ao encontro do meu tema:

A pesquisa, que aqui apresento, trata de investigar os relatos de professoras/es sobre suas práticas pedagógicas, no que se refere à diversidade de gênero, sendo esse um tema controverso que tem assumido grandes proporções midiáticas nos últimos anos. Para além disso me propus à compreensão do referido tema, no interior da escola, especialmente no que as/os professoras/es mencionam acerca das suas práticas pedagógicas.

O interesse pela temática intensificou-se, ainda mais, a partir do momento em que desempenhei a função de Assessora Pedagógica de Esporte Educacional da 5ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), período compreendido entre dezembro/2011 a dezembro/2018, no qual meu contato com os docentes de Educação Física, da Rede Estadual, acontecia de forma constante, assim sendo, pensar, naquele momento, sobre a temática da diversidade de gênero, na formação docente, tornou-se emergente.

A minha trajetória profissional iniciou na formação em Licenciatura em Educação Física, pela Universidade da Região da Campanha URCAMP/Bagé (1997), e Especialização em Educação Física Escolar, pela Universidade Federal de Pelotas UFPEL/Pelotas (2014). Atualmente estou cursando o último semestre de Pedagogia, como segunda graduação, na Universidade Centro Universitário de Maringá - UniCesumar. Atuo na docência da Educação Básica como Servidora na Rede Pública Estadual do Rio Grande do Sul desde 2002.

Em 2011 assumi a Assessoria de Esporte Educacional no Departamento Pedagógico da Coordenadoria Regional de Educação - 5ª CRE, na função de Coordenadora dos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul (JERGS), função que desempenhei até dezembro/2018. Atuei na função de Assessora Pedagógica, no setor de demanda escolar, e também na Coordenação da Central de Matrículas de Pelotas. Atualmente estou exercendo a função de vice-diretora na Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rita e de Supervisora Pedagógica no NEEJA Prisional - Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos em Pelotas.

As questões da diversidade de gênero sempre estiveram presentes na minha trajetória profissional, já que a prática da Educação Física também faz emergir ações e falas sobre o corpo, que atingem diretamente o estudante.

Durante minha atuação como Assessora de Esporte Educacional da Coordenadoria Regional de Educação - 5ª CRE - coordenei um curso de Formação Continuada para os docentes (proposto inicialmente para as/os profissionais de Educação Física) com a temática 'Questões da Diversidade de Gênero na Educação Física'. No entanto, acredito que, pela relevância do tema, essa formação acabou chamando a atenção dos docentes de diversas áreas do conhecimento e demais profissionais que atuavam na educação, o que, para mim, foi uma grata surpresa. A formação ocorreu no dia 03 de julho de 2018, na Escola Superior de Educação Física - ESEF/Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, nos turnos da manhã e da tarde. Os inscritos participaram de um ciclo de palestras, sendo no turno da manhã a parte teórica, com o palestrante Professor Ms. Leonardo Vieira e no turno da tarde a prática com o Professor Dr. Adriano José Rosseto Júnior.

O que me motivou, naquele momento, para construir a proposta da referida Formação - bem como a escolha do tema -, foi o fato de haver, de minha parte, uma grande curiosidade e desejo em compreender como eram feitas as abordagens dos docentes, durante as aulas que envolvessem as questões de diversidade de gênero, sendo essas verificadas através das expressões, gestos e falas dos investigados.

No início daquela formação foram realizados questionamentos relativos à temática sobre Diversidade de Gênero. Solicitei aos participantes que respondessem às duas primeiras questões, antes do início da palestra do turno da manhã e às duas últimas ao final da palestra, do turno da tarde. Após a leitura dos questionários obtive as primeiras impressões sobre o que diziam os docentes e demais profissionais que atuam na educação, sobre suas práticas em relação à diversidade de gênero. Então, após planejar, executar e avaliar o curso "Questões da Diversidade de Gênero na Educação Física", realizado em 03 de julho de 2018, aliado a minha experiência como professora de Educação Física, é que surgiu meu maior interesse e de forma mais curiosa do que até então, diante das questões da diversidade de gênero na prática pedagógica, tanto as minhas quanto dos demais docentes que ministram este componente curricular.

O acesso ao mestrado levou-me a desenvolver a presente investigação, e de alguma forma, responder àquela "curiosidade" inicial. Do processo surgiu a ideia da

produção de um Glossário. Esse glossário trará uma infinidade de conceitos e significados sobre diversidade de gênero e suas diversas variações, expressões relacionadas e terminologias utilizadas. A necessidade da criação do glossário emergiu dos depoimentos das/os professoras/es, que não compreendiam as expressões, e sentidos das diversas palavras.

Eu me proponho a torná-lo um “glossário sempre ativo”, pois poderão ser incorporados e sugeridos, inclusive por outras/os leitoras/es, novos termos conforme esses surgirem, se modificarem e se ressignificarem.

Na sequência apresentarei o contexto da pesquisa, com o problema e os objetivos.

1.2 No contexto da pesquisa

A presente dissertação analisa a ‘diversidade de gênero’ no contexto do que dizem os docentes do componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental - sobre suas práticas pedagógicas.

A escolha dos sujeitos desta pesquisa se deu pelo fato de que, durante minha qualificação, as/os professoras/es da banca, sugeriram que eu fizesse um recorte entre os participantes da formação ocorrida em 03 de julho de 2018 e convidasse somente as/os professoras/es do componente curricular de Educação Física a participarem da entrevista. Conversando com minha orientadora, após a qualificação, analisamos a lista dos participantes da formação ocorrida em 03 de julho de 2018, constatamos que todas/os as/os professoras/es que participaram daquela atividade, e ministravam o componente curricular de Educação Física, atuavam naquele momento no Ensino Fundamental Anos Finais, desta forma justifico a escolha dos participantes da minha entrevista, bem como para as interpretações dos dados: professoras/es de Educação Física do Ensino Fundamental Anos Finais da Rede Pública Estadual da cidade de Pelotas.

Assim, esta investigação justifica-se, pela necessidade da escola debruçar-se sobre as questões da diversidade de gênero, inaugurando novas práticas, distanciando-se de abordagens heteronormativas e sexistas. É necessário considerar, especialmente no que diz respeito às práticas de atividades físicas, a necessidade de uma formação adequada, já que estas envolvem o corpo e estão carregadas de significados culturais dados às masculinidades e às feminilidades. Deste modo, torna-

se imprescindível que o docente esteja atento às questões relativas à diversidade de gênero, presentes no ambiente pedagógico, bem como devendo perpassar tais questões por todas as áreas do conhecimento, visto a relevância do trabalho interdisciplinar. Face ao exposto, configura-se necessária a oferta de cursos de formação continuada no que se refere à temática da diversidade de gênero.

Disto exposto, o problema de investigação desenvolvido é o seguinte: “O que dizem os docentes do componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental - sobre suas práticas pedagógicas no que se refere à temática da diversidade de gênero”?

Conforme supracitado, esta investigação tem como objetivo geral:

- Compreender como os docentes desenvolvem suas práticas pedagógicas no componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental - em relação à diversidade de gênero e propor ações de ordem prática, no sentido de qualificar seu fazer docente.

E como objetivos específicos:

- Verificar, através das falas registradas nas entrevistas, o que expressam os docentes do componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental - sobre a diversidade de gênero nas suas práticas pedagógicas;

- Sondar, através das declarações dos docentes, feitas nas entrevistas, de que forma abordam à temática, e a partir dessas sondagens, foi desenvolvido o meu produto educacional, na forma de um glossário, com a intenção de subsidiar termos e elementos que pudessem contribuir para ampliar o conhecimento de profissionais que atuam na educação, bem como a todos que tiverem interesse nessa temática sobre diversidade de gênero e principais expressões relacionadas.

- Identificar, por intermédio dos relatos dos docentes, se estes buscam por novas práticas pedagógicas que perpassem o tema diversidade de gênero como estratégia a ser usada nas aulas de Educação Física.

A metodologia empreendida baseia-se na realização das entrevistas semiestruturadas, realizadas da seguinte forma: a entrevista com os sujeitos da pesquisa foi realizada através da utilização do meu aparelho celular, no período de 02 a 11 de dezembro de 2019. A análise é de cunho qualitativo, pois este tipo de investigação permite que o pesquisador examine as diversas interpretações intrínsecas nos discursos de cada sujeito, que são carregados de suas experiências, vivências e práticas profissionais. Esta pesquisa tem um ‘caráter exploratório’, pois

tenciona esclarecer ideias, opiniões, percepções e entendimento sob o tema em questão, o que propicia uma visão ampla e a partir disso familiarizar-se com as problemáticas que nortearam o desenvolvimento da pesquisa (Gil, 2010).

Na sequência do texto, desenvolvo os seguintes capítulos:

Revisão da Literatura - Nesta seção apresento alguns trabalhos, livros e artigos escritos nos últimos dez anos. Fiz buscas em sites como Anped e Google Acadêmico, dos artigos que tratam sobre a temática da diversidade de gênero, bem como o que dizem as/os professoras/es sobre suas práticas pedagógicas em relação ao tema.

Referencial Teórico - Não seria possível elaborar uma dissertação de mestrado sem delinear um esboço teórico frente à temática de estudo. Para tanto apresentarei os seguintes conceitos: heteronormatividade, sexismo, diversidade, gênero e educação, especificamente no campo da prática pedagógica.

Caminhos e abordagens teórico-metodológicos (Dimensionamento do universo docente e a escolha dos sujeitos da pesquisa) e (Reconhecendo os sujeitos investigados) – Esta é uma pesquisa qualitativa, e assim optou-se por fazer um estudo exploratório.

Compilação, interpretações e avaliações sobre os dados obtidos (Interpretações a partir da questão 01, Interpretações a partir da questão 02 e Interpretações a partir da questão 03) – Transcrevi na íntegra as falas dos entrevistados. Encontrei elementos que se aproximam, falas que se repetem e que expressam o mesmo sentido, sendo: sexualidade, aceitação, respeito, identificação, vontade e diferença.

Produto Educacional - O Glossário foi escolhido como o meu produto educacional, porque o considero fundamental para explicar os conceitos e significados das palavras relativas aos termos que se referem à “Diversidade de Gênero e as principais expressões relacionadas”, que eu as entendo como sendo importantes dentro dessa temática, e assim as apresento as leitoras e leitores.

Considerações e reflexões finais - Como toda conclusão de um processo pedagógico investigativo requer como pressuposto básico que se traga à luz da análise final, nosso problema de pesquisa, para que exista clareza e objetividade no desenvolvimento do raciocínio firmado, esta condição remete ao que me propus pesquisar, da mesma forma que respondo o problema de pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção apresento alguns trabalhos, livros e artigos escritos nos últimos dez anos. Fiz buscas em sites como Anped e Google Acadêmico, dos artigos que tratam sobre a temática da diversidade de gênero, bem como o que dizem as/os professoras/es sobre suas práticas pedagógicas em relação ao tema. Também apresento uma discussão sobre a BNCC, que normatiza a Educação Básica, prevendo objetos de conhecimento e temas transversais, que perpassam pelo núcleo comum, de forma interdisciplinar, os quais contemplam as questões de gênero e sexualidade.

Para determinar minha escolha em relação ao que me daria suporte teórico, percorri e me detive em vários artigos e livros. Porém, as definições finais das obras escolhidas para este trabalho, se deram pelo fato de que dentre tantas leituras, as que melhor tratam e abordam o tema Diversidade de Gênero, foram as citadas aqui, e estas vieram ao encontro do meu modo de ver, pensar e compreender essa temática e por isso, as escolhi.

A partir do artigo da Bento, “Na escola se aprende que a diferença faz a diferença”

Os relatos de discriminações não são acompanhados de histórias de professores/as que tenham realizado discussões em sala de aula ou na escola sobre respeito, diversidade e diferença. O fato de o/a aluno/a interromper os estudos parece algo inevitável, natural, sugerindo, portanto, que essa discussão não diz respeito ao ambiente escolar e que a instituição nada pode fazer para proteger suas/seus alunas/os vítimas desse tipo de violência, a não ser assinar o termo de transferência. (BENTO, 2011, p. 11)

Conforme a Bento (2011) as discussões realizadas em um ambiente escolar sobre respeito, diversidade e diferença, a fim de combater todos os tipos de violências cometidas nesses espaços, certamente são ações que poderiam evitar o abandono dos estudos de uma/um aluna/o, se as/os professoras/es abordassem e debatessem de fato sobre esses temas acima. De acordo com a autora, talvez, no entendimento de alguns docentes, essa discussão não tenha a ver e nem deva acontecer no ambiente escolar. Os educadores que não abordam essas temáticas talvez acreditem que, na verdade, a escola, para proteger suas/seus educandas/os vitimadas/os e discriminadas/os, não tenha o que fazer, e sim concordar e fornecer a guia de transferência para essa/e aluna/o.

No artigo: “Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade”, a Louro destaca:

Aproximamos, portanto, gênero e sexualidade à medida que assumimos que ambos são construídos culturalmente e, assim sendo, carregam a historicidade e o caráter provisório das culturas. Sendo que diferentes sociedades e épocas atribuem significados distintos às posições de gênero, masculinidades à feminilidade e também às várias expressões da sexualidade. (LOURO, 2011, p.64).

Conforme a Louro (2011) destaca no seu artigo: “Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade” nos tornamos próximos - gênero e sexualidade - a partir do momento que reconhecemos que estes são construídos culturalmente, sendo os significados constituídos pelo que é naturalmente instituído, já os sentidos constituem-se conforme o discernimento de cada um. As posições de gênero, as masculinidades e as feminilidades são moldadas ao longo da vida, bem como às várias expressões da sexualidade são manifestadas por sociedades e épocas distintamente. No modelo social atual, é bem comum presenciarmos as mulheres serem mostradas numa condição de passividade, como exemplo desempenhando atividades e tarefas domésticas, enquanto que se tratando de atividades físicas, já que algumas requerem maior força e agilidade nos movimentos, estas são demonstradas, na maioria das vezes, pelo sexo masculino. Essas manifestações vêm implícitas desde os primórdios da humanidade, sendo esses valores e sentidos culturalmente implantados e socialmente imitados.

Ainda no seu artigo: “Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade”, Louro (2011, p. 65) destaca, que “a norma, a partir do homem, branco, heterossexual, classe média urbana e cristão, foi sendo produzida no contexto da sociedade brasileira, ao longo de sua história”. Assim os demais, as diferentes, as alternativas ou problemáticas são do sexo feminino, os não brancos, não heterossexuais ou não cristãos, sendo que para serem indicados esses ditos ‘diferentes’ são provocados marcadores simbólicos, materiais e sociais.

Para Louro (2011) é um equívoco falar em “diferença ou diversidade no ambiente escolar” como se houvesse o lado da igualdade, onde habitam as/os que agem naturalmente de acordo com os valores hegemônicos e as/os outras/os, ou diferentes; quando, de fato, a diferença é anterior, é constitutiva dessa suposta igualdade. Portanto, não se trata de ‘saber conviver’, mas considerar que a humanidade se organiza e se estrutura na e pela diferença. Se tivermos essa premissa evidente, talvez possamos inverter a lógica: não se trata de identificar ‘o

estranho' como 'o diferente', mas de pensar que estranho é ser igual e na intensa e reiterada violência despendida para se produzir o hegemônico transfigurado em uma igualdade natural.

O que está posto para Louro, (2011) é uma evidente disputa com os valores hegemônicos que localizam e conferem direitos apenas a uma parcela da humanidade. Essa disputa revela a precariedade de um sistema de gênero e sexualidade assentado no império do biológico e, conseqüentemente, na genitalização das relações sociais. Essa precariedade pode ser observada quando milhões de pessoas ocupam espaços públicos demandando humanidade e tencionando os limites dos direitos humanos, quando pessoas transexuais reivindicam direitos e explicitam o debate sobre a diversidade/diferença de gênero.

Já Castro (2013) no artigo, "Escritas-narrativas de estudantes problematizando relações de gênero e sexualidades", relata, neste estudo, o qual se baseia em uma pesquisa, que está permeada através de observações, bem como nas composições de sujeitos-docentes nos currículos acadêmicos de formação docente, quando citam as discussões sobre as relações de gênero, as sexualidades e a educação. As observações aparecem como um condutor, para que sejam pensados de que forma e como os sujeitos, no movimento dos dispositivos de subjetivação dos currículos de formação docente, se constituem.

Uma parte desta pesquisa, "Escritas-narrativas de estudantes problematizando relações de gênero e sexualidades" de Castro (2013) é planejada no âmbito de uma disciplina do curso de Pedagogia que trabalha as categorias 'relações de gênero', 'sexualidades' e 'educação', tendo como perspectiva os estudos de gênero e de sexualidade pós-estruturalistas.

Ainda nesta pesquisa, Castro (2013, p. 1) reforça o "quanto é necessário que os sujeitos compreendam que as relações de gênero, as sexualidades e os processos educativos são construções discursivas, sociais, culturais e históricas", inseridas em redes de 'saber-poder' que incidem sobre os mesmos, tornando-os quem são e, atribuindo-lhes certas posições na sociedade. Ao dispor de técnicas que compõem um conjunto formativo com textos, vídeos, livros infantis, imagens, reportagens de revistas, propagandas e outros artefatos, a disciplina que a pesquisa trata, relata que através destas, são produzidas inúmeras discussões e aprendizagens, sendo que somos tocados pelas 'pedagogias da sexualidade'.

Este texto “Escritas-narrativas de estudantes problematizando relações de gênero e sexualidades” de (Castro, 2013) elege especialmente um desses mecanismos produzidos pelas/os estudantes dessa disciplina, para análise que são os ‘diários de bordo’.

Louro (2011, p. 64) relata que “é possível perceber que as coisas se complicam mais um pouco quando se trata da sexualidade”. Diversas/os pesquisadoras/es falam o quanto parece ser complicado reconhecer que a sexualidade é também construída culturalmente. Comumente, se associa - às vezes até se limita - a sexualidade à natureza ou à biologia e, a dificuldade está justamente nesse fato.

É dito, de um jeito bruto, mas também objetivo, que algumas pessoas parecem ser superiores a outras, parece que algumas podem mais do que as outras. E “é entrelaçado nessa discordância que está um entendimento muito utilizado na atualidade, o da diferença” (Louro, 2011, p. 64).

Ao falar em diferença, uma estudiosa canadense, Deborah Britzman, já nos provocava, há alguns anos, nos questionando:

[...] será que encontramos, em nossas livrarias tão cheias de receitas, algum manual ensinando “Como criar seu filho gay”? Ela afirmava que não, mas que o que estava disponível era “precisamente o oposto, ou seja, uma proliferação de conselhos aos pais e aos educadores sobre como ‘curar’ a situação de gay” (1996, BRITZMAN apud: LOURO, 2011, p.66).

Em seu estudo Louro fala sobre “Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade”:

“é citado também outra maneira para enfrentar a questão, da não aceitação das diferenças baseando-se na prática adotada nas instituições de ensino de que fosse destinado um dia ou uma ocasião especial nas escolas para acolhimento ou para ‘inclusão’ dos que, comumente, estão fora dos currículos e dos livros didáticos” (Louro, 2011, p. 68).

Para (Louro, 2011), tais medidas podem até tranquilizar a consciência dos inventores, porém na prática, mantém o lugar especial e problemático das identidades ‘marcadas’.

No mesmo estudo (Louro, 2011, p. 69) “é perceptível que as ‘minorias’ se sustentam e se permitem falar sobre sexualidade, gênero, educação e cultura, contrariando o domínio masculino, hetero e branco da Ciência, das Artes, ou da Lei”. Assim está posto - que no setor da Educação - são analisadas as pedagogias da sexualidade realizadas pelo cinema e pelas revistas masculinas ou as de boa forma,

quadrinhos e desenhos animados, blogs e livros de autoajuda, bem como através da publicidade. Currículos e programas escolares são consultados, assim como brinquedos, jogos, salas de bate-papo virtuais, como espaços onde se geram identidades de gênero e sexuais. Do mesmo modo que aumentou-se e complexificou-se bastante o âmbito da pesquisa educacional e, os campos teóricos que se formaram a partir de, ou juntamente, com os movimentos sociais que vivenciaram e continuam tendo efeitos grandiosos.

Há uma variedade de expressões mais amplas, e de acordo com Louro (2011) no que se referem às práticas afetivas entre meninas e mulheres, não sendo o mesmo admitido para meninos e homens. Devido ao processo de heteronormatividade, não apenas tornar-se mais perceptível em sua ação sobre os homens, frequentemente este aparece associado à homofobia. A homofobia anda pelos corredores e salas de aula, está presente nos livros didáticos e é mostrada nos recreios e nos banheiros. O nosso olhar tem que ser incentivado, bem como devemos estar atentas/os para os processos que tramam as dominações e hierarquias entre sujeitos e práticas sexuais, as quais excluem e aprovam indivíduos e grupos sociais.

É desafiador admitirmos que todas as disposições sociais são ocasionais, não sendo nenhuma natural ou definitiva, visto que mesmo os limites entre elas estão se extinguindo. “As formas como nos apresentamos a nós próprios e aos outros são sempre inventadas e marcadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos” (Louro, 2011, p. 68-69) e, essas meninas e rapazes que nos parecem tão estranhos talvez possam ajudar a pensarmos sobre tais aspectos. É através dos sinais e códigos culturais que são feitas todas as representações de gênero, bem como sexuais. Nós, que frequentemente nos consideramos tão normais, fazemos uso de uma variedade de códigos, gestos e recursos a fim de dizermos quem somos, nos apresentarmos e representarmos, como mulheres e homens, perante a sociedade a qual vivemos.

Já, a partir da leitura de Madureira e Branco (2015), “Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as” - foram considerados os preconceitos como: homofobia, sexismo, racismo, xenofobia fundamentalismo religioso e outros tidos como fenômenos de divisão. Este estudo, ainda destaca a entrevista como não sendo uma forma para termos acessos aos ‘conteúdos intrapsíquicos’ dos investigados como se eles estivessem prontos dentro de cada um.

A discussão dos resultados do estudo de Madureira e Branco (2015), “Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as” foi organizada com base nos seguintes eixos temáticos: “1) gênero, sexualidade e educação sexual nas escolas; e, 2) diversidade sexual e de gênero no contexto escolar”: a tensão entre a reprodução de preconceitos e o respeito à diversidade. Assim, foi possível observar, na maioria das/os professoras/es, uma certa dificuldade nas reflexões sobre as questões de gênero. Parece que o conceito de gênero está distante de suas realidades e, restrito ainda ao universo acadêmico. Nas escolas a concepção de que as masculinidades e as feminilidades são construções culturais é uma concepção distante, ao passo que as discussões acadêmicas sobre gênero alcançam um nível teórico-conceitual cada vez mais aprimorado. No mesmo estudo, Madureira e Branco (2015), apontam os principais resultados de uma pesquisa ampla, que envolveu a junção de distintos métodos investigativos com foco em concepções e crenças de professoras/es do Distrito Federal sobre questões de gênero, sexualidade e diversidade no contexto escolar.

Já num estudo anterior, Madureira (2000 apud: Madureira e Branco, 2015) enfatizam quanto o ‘preconceito e a discriminação’, em relação às identidades sexuais não predominantes, ressaltando que se constituem de meio de martírio psíquico (ansiedade, depressão, culpa, vergonha...) por parte daqueles que apresentam orientações sexuais diferentes da heterossexualidade.

A pesquisa aqui citada - “Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as” - de Madureira e Branco (2015) foi realizada em duas etapas distintas:

inicialmente, as/os professoras/es de sete escolas públicas do Distrito Federal foram investigadas/os mediante aplicação de um questionário com questões fechadas e abertas, num total de 122 questionários; e, posteriormente dez professoras/es de duas escolas públicas selecionadas, participaram de uma entrevista individual semiestruturada e quatro sessões de grupo focal em cada uma das (escolas selecionadas, seis de uma e quatro de outra) totalizando assim oito sessões Madureira (2000 apud: Madureira e Branco, 2015, p . 570).

Os questionários aplicados na etapa inicial do estudo da Madureira (2000 apud: Madureira e Branco, 2015, p. 580) “possibilitaram a construção de uma visão ampla sobre as concepções e crenças das/os professoras/es de sete escolas públicas em relação à temática em questão”, propiciando assim uma maior compreensão sobre o fenômeno investigado. As entrevistas e grupos focais da etapa seguinte do estudo

permitiram a construção de um entendimento mais aprofundado sobre o instrumento estudado.

Inicialmente, 122 (cento e vinte e dois) professoras/es, de sete escolas públicas de Ensino Fundamental, de 5ª a 8ª séries (atual 6º e 9º ano), do Distrito Federal (n = 122) participaram da pesquisa. Posteriormente, 10 (dez) professoras/es – de duas escolas selecionadas: Escola A (n = 6), situada no Núcleo Bandeirante/DF e Escola B (n = 4), situada no Gama/DF – colaboraram com as entrevistas individuais semiestruturadas. Os participantes entrevistados/os no estudo da Madureira (2000 apud: Madureira e Branco, 2015, p. 581) cooperaram também: “de quatro sessões de grupos focais realizadas em cada escola selecionada. As entrevistas e os grupos focais foram lavrados em áudio, com permissão das/os professoras/es”.

No que tange ao trato (homens e mulheres) na atual sociedade brasileira, 59,01% dos participantes que responderam o questionário afirmam que a sociedade espera atitudes diferentes de homens e mulheres. Nas entrevistas e nos grupos focais os participantes comentaram, em diferentes momentos, que apesar das transformações ocorridas nas últimas décadas, ainda assim a sociedade brasileira continua sendo machista.

Assim sendo, e conforme o estudo, Madureira (2000 apud: Madureira e Branco, 2015) é possível contestarmos que se as relações entre homem e mulher são organizadas a partir de uma natureza masculina e uma feminina, mesmo que aparentes, como tais relações podem ser modificadas/mudadas visando à promoção de igualdade entre ambos?

Obviamente, e foi evidenciado no artigo “Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as”, Madureira e Branco, (2015), que existem diferenças biológicas entre homens/mulheres, porém, essas diferenças são explicadas pela biologia, de modo que esta justifica tais desigualdades sociais entre os sexos.

No estudo em questão identifica-se, nas falas das/os professoras/es, uma desordem entre a promoção da igualdade entre os sexos na esfera profissional e na esfera dos relacionamentos afetivos, bem como nas relações familiares em relação às questões de gênero. No entanto, somente a igualdade, em âmbito profissional, é defendida por todas/os as/os professoras/es participantes das entrevistas e grupos focais. Também foi constatada a reprodução de significados culturais ultrapassados sobre as feminilidades, que expressam uma visão que difama a condição sexual das

mulheres. Além disso, as mulheres são apontadas como ‘perigosas’ e culpadas por deixarem os homens desorientados, devendo ser alvo de um rigoroso controle social, de modo que sua ‘essência perversa’ não se expresse.

A sexualidade das/os alunas/os seria provocada pelas meninas tidas como as ‘assanhadas’ (nunca o inverso), essa questão está posta neste estudo da Madureira e Branco (2015) “Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as”, porém, de forma velada. A valorização das mulheres passa pelo seu corpo, já entre os homens tal associação é bastante incomum. Alguns temas como: diversidade sexual e preconceitos foram observados nos objetivos esboçados somente por alguns participantes, não por todas/os. Parece, inclusive, que para alguns participantes, o uso de preservativos, nas relações sexuais, não tenha a devida importância diante da expectativa social, pois é disfarçado que os adolescentes tenham uma vida sexual ativa. Um dos aspectos centrais, constatados nessa pesquisa, durante as discussões sobre sexualidade na escola é de que - intencional ou não -, o silêncio sobre a afetividade e, sobre o prazer parecem ser os elementos que distanciam o discurso das/os professoras/es do universo de inquietações e indagações dos adolescentes.

O artigo da Madureira e Branco (2015), “Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as” cita os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), os quais apontam as diretrizes para o trabalho da educação sexual no cotidiano das escolas, apartado do discurso biomédico, restringidos unicamente aos aspectos biológicos da sexualidade. Infelizmente essas diretrizes ainda parecem distantes da rotina de muitas escolas.

Em relação aos resultados obtidos através dos questionários aplicados no referido artigo, é o que segue:

[...] a maioria dos/as professores/as destaca a importância do respeito às “opções sexuais” individuais (o termo orientação sexual é distante do discurso dos/as professores/as). Contudo, no extremo oposto, há um grupo minoritário de professores/as que nutrem concepções e crenças homofóbicas na direção da ‘cura’ ou ‘prevenção’ da homossexualidade, seja através da ‘intervenção’ de especialistas (8,20%) ou através de um trabalho de ‘orientação moral’ (4,92%). Neste grupo minoritário, há também, professores/as que associam à homossexualidade a influência de ‘espíritos malignos’ e defendem a ‘cura’ através da ‘intervenção’ divina. Tais concepções homofóbicas apareceram nas respostas de alguns/mas professores/as evangélicos/as. É importante deixar claro que o posicionamento expresso anteriormente não é unânime entre os/as participantes evangélicos/as que responderam o questionário. Entretanto, nos questionários respondidos pelos/as professores/as na primeira etapa da pesquisa, nota-se que entre as respostas que nutrem uma

visão explicitamente pejorativa sobre a homossexualidade, a maioria provém do grupo de professores/ as evangélicos/as (MADUREIRA, BRANCO, 2015, p. 586).

Na conclusão deste estudo da Madureira e Branco (2015), “Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as” é apontada que a psicologia sociocultural, enfatiza e dá importância aos contextos culturais no estudo do desenvolvimento humano, estabelecendo ‘pontes’ com outras áreas da investigação científica, não só as da ciência psicológica, promovendo ajustes de diálogos interdisciplinares.

Já o estudo de Palma, Yáskara Arrial et al. Parâmetros Curriculares Nacionais: Um Estudo sobre Orientação Sexual, Gênero e Escola no Brasil (Temas em Psicologia – 2015, Vol. 23n nº 3, p. 727-738), fala que: A convivência social, desde os primórdios da humanidade, tem sido tensionada pelas diferentes manifestações quanto à diversidade de pensamentos, sejam de cunho político, religioso, cultural ou sexual. Como era de se esperar, estas diferenças chegaram até as instituições de ensino, pela natural concentração de pessoas com formações diversas e conseqüentemente expostas às diferenças e que interagem entre si, trazendo à tona sentimentos contraditórios sobre vários parâmetros, gerando conflitos e muitas vezes acirrando os pré-conceitos já estabelecidos em cada uma/um.

Em princípio, quando pensamos numa escola, imaginamos um local onde deveria existir um espaço que, para além de estabelecer padrões de aprendizagem e absorção de conhecimento, exista também um componente que estabeleça uma saudável e pacífica convivência entre seus membros, principalmente entre os estudantes. Porém, na realidade e na prática do dia a dia, não é o que se observa. Há um ambiente de intolerância que transforma-se, muitas vezes, em sentimentos de hostilidade entre eles, derivando, não poucas vezes, à violência explícita e agressões sistemáticas, que podem variar de assédio moral, bullying, assédios verbais ou até mesmo violência física. Muito desse comportamento se dá por questões de fobias ao gênero da/o agredida/o, constatando-se assim que há na escola um berçário de violência, tanto física como psicológica, em relação aos homossexuais.

A criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, pelo Governo em (1997), revestiu-se de uma tentativa de, ao estabelecer a criação de currículos mínimos para a educação infantil, fundamental e média, e previsão de que as questões de ordem da sexualidade sejam trabalhadas nas escolas com o intuito de

minimizar ao máximo os atos de violência. Esta medida aparenta ser um elemento positivo e agregador, sendo necessário um debate perene sobre as questões de sexualidade e devem ser abordadas de forma consistente, porém, com bastante sensibilidade para não ultrapassar os limites da individualidade e intimidade, mas buscando sempre interceder de maneira positiva e não fazendo apenas um discurso barato que remonta aos tratamentos anteriores do assunto, que negligenciavam o processo e ficavam no raso da discussão somente de Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST, prevenção à gravidez e, consideravam esses como assuntos relacionados ao sexo, desrespeitando os gêneros e todas as questões das diferenças.

É vital que, para o bom desencadeamento de ações, como no caso - as criadas para minimizarem, ao máximo, os atos de violência, que, além de observar a forma de abordagem para cada idade e o ano onde o estudante se encontra, apresentando variações de padrões, a escola não se exime de tratar clara e abertamente com os termos e palavras que definem a diversidade: gay, lésbica, trans, travesti e as inúmeras outras terminologias precisam se tornar palavras pertencentes ao cotidiano e não trazerem consigo conotações jocosas ou até mesmo pronúncias com pouca ênfase ou esguias.

Há necessidade de que a escola se empodere destas tratativas como forma natural de tratamento ao sujeito, promovendo, assim, a inclusão, e mostrando as diferentes realidades e opções sexuais que cada indivíduo possui em seu livre arbítrio. É extremamente importante que se firme o conceito que o homossexualismo não é doença e sim um direcionamento de seu desejo sexual. Esta assertiva já foi estabelecida em 1994 pelo (Manual de Psiquiatria) - DSM IV.

Estas abordagens trazem mudanças significativas no ambiente escolar, pois conduzem, à luz deste novo cenário e uma nova visão sobre as estruturas familiares, mostrando 'in loco' crianças que tem duas mães ou dois pais. Isso, de certa forma, é corriqueiro e passa a figurar no ambiente natural da sala de aula, com respeito, e muitas vezes até com admiração, pois a criança está isenta da condição homossexual das mães ou dos pais e faz a sua própria escolha. Tal ato é algo que seria impensável um tempo atrás, nem tão distante, nas escolas e no convívio social, além do fato de que muitos adolescentes que eram massacrados por suas opções muitas vezes eram levados a cometerem atos de mutilação ou mesmo suicídio, tamanha a discriminação social que sofriam e, não raramente, abandonavam os estudos por não suportar os maus tratos.

O assunto sobre as mudanças significativas no ambiente escolar requer também uma discussão que depende de uma via de mão dupla entre escola-família, família-escola. A responsabilidade é mútua, não havendo espaço para que apenas uma das partes tome partido na discussão e acompanhamento do ciclo de desenvolvimento do estudante, bem como na assistência de fundo psicológico e das atitudes e comportamentos gerados por este processo. Estudos comprovam e alguns deles firmados já nos Estados Unidos na década de 80, que crianças oriundas de lares homossexuais são crianças mais tolerantes e compreensíveis, tornando-se adultos menos preconceituosos. Porém, de pouco adianta esta constatação se a escola não trabalhar de forma transparente e honesta com essas premissas e não desviando o assunto ou tratando de forma mais superficial, e insistindo que a sexualidade, na escola, está preocupada em mostrar a importância da saúde sexual e não da saúde da sexualidade.

Face às questões discorridas devemos dar a elas o devido enfoque pela grande relevância à educação, como um todo, e ao ensino, em particular. Este tema vocaciona à orientação sexual, e como tal devemos compreender a diversidade como um componente cultural que se diferencia entre as pessoas e não necessariamente sobre a sexualidade destas mesmas pessoas.

Um exemplo prático é a formação de novos parâmetros de família, em que cada vez mais surge a condição de monoparentais, extinguindo-se o modelo forjado de pai e mãe, podendo, em casos bastante difundidos, existir a combinação dessas famílias diversas, coabitando um mesmo espaço físico.

Na questão de gênero, acentua-se que o fato de uma mulher conectar-se ao espectro feminino e o homem ao masculino, não mais engessa os mesmos em papéis específicos do convencionalmente conhecido. Os dois gêneros se sobrepõem em tarefas profissionais, sociais e domésticas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) vêm ao encontro da necessidade de vermos o mundo a olhos nus, dispensando-se lentes que buscam como lupas, centralizar e estigmatizar casos e casos. São necessários ajustes, obviamente respeitando idades e adiantamentos, mas por si só já emprestam um caráter altamente positivo desprovido de pré-conceitos e radicalizações panfletárias.

A escola não pode ser agente problematizador de assuntos relacionados à orientação sexual, e sim vetor de questionamentos perenes acerca do tema, bem como deve ampliar conhecimentos em relação à temática.

A escola, fisicamente, pode mudar de endereço, e até mesmo de nome, mas esta mesma escola não pode mais ignorar seu papel social numa nova era da história, em que, explicitamente, está posto que todos os diferentes devam ser iguais, mediante os direitos, deveres e ao tratamento recebido. Este equilíbrio é o cerne de uma sociedade moderna e justa, representada pela 'Catedral da Cultura' e da esperança, que é a 'Escola'.

Dando continuidade a este capítulo, trago a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) na Educação Básica que trata sobre a temática da diversidade de gênero.

Inicialmente apresento os dados abaixo em forma de uma Linha do Tempo da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2014 - 2017) na Educação Básica, destacando os momentos mais importantes da mesma, conforme o que segue:

- junho/2014 – Plano Nacional de Educação – (PNE) estabelece que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC seja enviada ao Conselho Nacional de Educação – (CNE) em até 02 anos;

- setembro/2015 – Primeira versão é apresentada à consulta pública;

- março/2016 – Primeira consulta pública para contribuições são encerradas;

- maio/2016 – Após a sistematização das contribuições fica pronta a segunda versão do texto;

- julho/2016 – o Governo Federal divide a base em duas: uma parte para Educação Infantil e Ensino Fundamental e outra para o Ensino Médio;

- agosto/2016 – Encerramento dos debates públicos da segunda versão;

- setembro/2016 – o Executivo anuncia medida provisória de reforma do Ensino Médio;

- abril/2017 – Terceira versão da base é encaminhada do Ministério de Educação e Cultura – (MEC) ao Conselho Nacional de Educação – (CNE) com supressão dos termos “gênero” e “orientação sexual”;

- dezembro/2017 – Terceira versão da Base da Educação Infantil e Ensino Fundamental é aprovada pelo Conselho Nacional de Educação – (CNE) e homologada pelo Ministério de Educação e Cultura – (MEC).

Fonte: www.deolhonosplanos.org.br

Com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) aprovada, como fica a questão de Gênero na escola?

Apesar da supressão dos termos ‘gênero’ e ‘orientação sexual’, as discussões sobre direitos humanos e discriminações continuam contempladas no documento da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) e devem ser trabalhadas nas redes de ensino em todas as etapas da Educação Básica. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) trata de uma organização curricular que padroniza os currículos de Educação Básica a nível nacional, enquanto os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) norteiam as habilidades e competências que devem ser trabalhadas em cada etapa na Educação Básica. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) nos campos de experiências da Educação Infantil já cita nos objetos do conhecimento, questões relacionadas à diversidade de gênero.

Quem quer ver gênero na escola?

Das 235 (duzentos e trinta e cinco) contribuições enviadas por escrito para fazerem parte da terceira versão da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), 75 (setenta e cinco) citam explicitamente ‘gênero’ e/ou ‘orientação sexual’, sendo 23 (vinte e três) contrários e 51 (cinquenta e um) favoráveis à inclusão dos temas.

O artigo “Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites”, da Monteiro e Ribeiro (2020), traz a discussão sobre a ‘Educação Consciente’ e através deste é trazido o debate acerca dos impactos relevantes para a educação em relação às questões de gênero e sexualidade. O objetivo deste artigo é discutir, a partir dos debates dos movimentos feministas, de Gênero e Sexualidade, os efeitos da onda de retrocessos, intensificados a partir de 2017, os quais repercutiram no texto da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018). Este documento também visa promover uma equidade no ensino em todas as escolas nacionais, garantindo aos alunos o direito de acesso a um conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades comuns em todo o país.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) é o documento normativo da Educação Básica, prevendo objetos de conhecimentos e temas transversais, que perpassam pelo núcleo comum, de forma interdisciplinar, contemplando as questões de gênero e sexualidade.

Conforme Louro (2011) já sinalizou, os temas “Gênero e Sexualidade” podem se confundir como também se associarem, frente às incertezas e interpretações equivocadas, devido ao desconhecimento em relação aos diversos temas debatidos nesse campo.

Na Educação, especialmente nos dois anos que antecederam a posse do atual presidente do Brasil, o agravamento do tradicionalismo e de uma maior aparição daqueles que se opõem a democracia, acarretaram discursos e posicionamentos distintos a todo tipo de liberdade de expressão, ações de cidadania e defesa dos direitos da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Tudo ligado a gênero, sexualidade e educação sexual foi combatido e retirado da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), o que evidenciou um recuo histórico e também um retrocesso em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997).

Na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), o trecho que defendia o respeito e à orientação sexual, de cada pessoa, foi eliminado, sendo que a elaboração e aprovação do documento passou pela apreciação de alguns segmentos e ficaram a cargo de influências religiosas, fundamentalistas, conservadoras e moralizantes que, em prejuízo da ciência, retiraram do texto final todo o conteúdo ligado às questões de gênero e reduziram a perspectiva biológica as questões ligadas à sexualidade. Tais barreiras estão na contramão da caminhada que favorece a Educação Sexual, traçada desde o século XX, e que são produtos, como colocou Arroyo (2011), no artigo “Políticas educacionais, igualdade e diferenças”, de um forte conservadorismo que acaba se legitimando através de normas, diretrizes e avaliações, entre outros.

O pensamento sobre Sexualidade e Gênero é um exercício de grande valor social e deve se debruçar sempre com um olhar amplo e que potencialize tal assunto em todos os níveis.

No entanto, percebemos que na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) este espaço ficou restrito e limitou-se a uma diminuta abordagem do tema apenas no 8º ano do Ensino Fundamental, o que demonstra uma fragilidade na construção conceitual dos parâmetros, bem como promove uma lacuna que não foi adequadamente preenchida pela matéria.

Depreende-se, claramente, que a habilidade 11 (onze) está muito aquém de uma real discussão apropriada para um tema de tamanha relevância. Ela se apresenta com pouca consistência sobre a análise da sexualidade, porque inclusive, não se mostra progressiva no assunto, como se esperava que fosse, por se tratar de um conteúdo de extrema complexidade, que transcende a questão meramente biológica, pois é transversalmente afetado pela convivência cultural e social.

Desta forma e independente de haver uma omissão no currículo no trato com as colocações supracitadas, se fazem extremamente necessárias ações que nos comprometam através de comportamentos e atitudes práticas que combatam preconceitos sectários, no âmbito geral da escola.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Não seria possível elaborar uma dissertação de mestrado sem delinear um esboço teórico frente à temática de estudo. Para tanto apresentarei os seguintes conceitos: heteronormatividade, sexismo, diversidade, gênero e educação, especificamente no campo da prática pedagógica.

Inicialmente busquei em Giddens, Scott e Beauvoir, conceitos de gênero:

Para Giddens (2005, p. 102-103) “gênero está ligado às noções socialmente construídas das masculinidades e feminilidades; não é necessariamente um produto direto do sexo biológico de um indivíduo”. Percebe-se, então, que ao falar de gênero estamos nos referindo as feminilidades e as masculinidades (sempre no plural) e, nas escolas, a concepção de que estes termos são construções culturais, ainda é uma concepção distante.

Os conceitos de gênero e sexo se confundem, por vezes, sendo muito discutida também a diferença entre sexo biológico (homem e mulher), gênero (masculino e feminino), orientação sexual e identidades de gênero. As expressões homens/mulheres são carregadas de atributos culturais, assim a designação para gênero é socialmente construída. Negar as diversidades de gênero, bem como as questões das sexualidades é admitir a reprodução de práticas sexistas e heteronormativas.

Segundo Scott (1995, p.86): “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. O gênero é componente das relações sociais, sendo estas firmadas e concebidas entre os sexos, como forma legítima de promoção entre os mesmos.

Para Beauvoir:

[...] os sentidos atribuídos às questões de gênero podem também ser compreendidos como uma estruturação cultural, tendo nos sexos variáveis e uma infinidade de panoramas abertos, no sentido cultural, proporcionadas pelo corpo sexuado (BEAUVOIR, 1980, p. 27).

Estes conceitos são importantes para pensarmos as relações na escola, afinal, o gênero e a sexualidade fazem parte da prática pedagógica, e precisam ser refletidas pelos docentes, visto que a escola é um ambiente caracterizado pela diversidade.

Faz-se necessário considerar que a sala de aula se constitui numa diversidade e os professores, muitas vezes, ignoram e silenciam a diversidade sexual e de gênero.

Já conforme Louro (2004, p. 64) “é preciso que os docentes atentem-se às diversas relações de poder que se instituem nos ambientes, tornando-os, muitas vezes, heteronormativos, sexistas e patriarcais”. A prática pedagógica não se afasta da presença explícita da diversidade. É essencial levarmos em conta que a sala de aula contempla essa diversidade, mas, por vezes, é ignorada, tanto na questão própria desta, como do gênero. Por isso, é necessário que os docentes estejam alerta a essas diferenças estabelecidas por uma relação de poder que se instala neste ambiente, que em várias ocasiões constituem-se de guetos heteronormativos, sexistas e patriarcais.

Tanto o termo sexismo quanto a heteronormatividade, segundo Mesquita (2011, p. 37), “são conceitos construídos na sociologia para referirem-se à prevalência de um sexo sobre o outro e a tendência de que certas práticas são consideradas normais em detrimento as outras”, ainda conforme este autor, é “a partir de objeções estabelecidas em relação a um determinado sexo é que se encontra o sexismo”. Tendo um conceito abrangente e, o qual se pressupõe a hegemonia de um sexo, no caso o masculino em detrimento ao feminino, com considerações negativas e ações discriminatórias, podendo expressar-se de várias formas, sendo que no caso da institucional, por exemplo, a partir de salários diferenciados.

O sexismo é visto como uma forma machista e seria vestígio de uma cultura patriarcal, isto é, em que o homem é colocado como superior em relação à mulher e, que esta é incapaz de exercer os mesmos papéis que ele.

Quanto à heteronormatividade, sendo um modelo que regula as formas como as pessoas se relacionam, ela acaba sendo um regime de visibilidade. Hoje em dia há até uma certa permissividade social que aceita as pessoas se relacionarem com outras do mesmo sexo, ainda que de forma discreta ou mínima.

Em alguns meios sociais mais privilegiados percebe-se que não se vive mais com pleno domínio da obrigatoriedade da condição hétero. Observa-se também que em áreas metropolitanas, nas classes com maior cultura e poder aquisitivo, tornou-se mais notória a existência de pessoas que se interessam por outras do mesmo sexo.

Apesar disso, não é possível afirmar que foi negada/o a elas/eles a homossexualidade, mas ainda é exigido, pela sociedade, que se cumpram as expectativas de gênero e de modo de vida, que tem na heterossexualidade o modelo

inquestionável para todas/os. Para exemplificar esta situação é possível observar-se, claramente, o heterossexismo nas páginas que ilustram os materiais didáticos produzidos, as quais mostram apenas casais héteros.

Em se tratando de diversidade:

Diversidade significa variedade, pluralidade, diferença. É um substantivo feminino que caracteriza tudo que é diverso, que tem multiplicidade. Diversidade é a reunião de tudo aquilo que apresenta múltiplos aspectos e que se diferenciam entre si, ex.: diversidade de gênero, diversidade cultural, diversidade biológica, diversidade étnica, linguística, religiosa etc¹.

Neste sentido é necessário tratarmos, com seriedade e de maneira incansável, das ações, principalmente no âmbito escolar, que promovam a diversidade, a fim de conquistarmos assim mudanças sérias e significativas com visibilidade ao desenvolvimento intelectual e humano.

No momento em que gestos e hábitos forem mudados e transformados haverá uma adequada abertura para tal conduta, tendo assim espaço para a formação humana com vistas à fraternidade, respeito, empatia e igualdade. Desta forma é imprescindível que as políticas públicas sejam cada vez mais intensificadas nesse sentido, fazendo com isso que a obtenção e manutenção dos direitos, tratamentos e condições aconteçam de forma igualitária para todos os indivíduos, sem nenhum tipo de distinção.

Ainda fazendo referência às questões da diversidade a obra “Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Básica – Brasília: MEC/SEF, 1997”, relata que:

As adaptações curriculares previstas nos níveis de concretização apontam a necessidade de adequar objetivos, conteúdos e critérios de avaliação, de forma a atender a diversidade existente no País. Essas adaptações, porém, não dão conta da diversidade no plano dos indivíduos em uma sala de aula. Para corresponder aos propósitos explicitados nestes parâmetros, a educação escolar deve considerar a diversidade dos alunos como elemento essencial a ser tratado para melhoria da qualidade de ensino e aprendizagem.

Atender necessidades singulares de determinados alunos à diversidade: é atribuição do professor considerar a especificidade do indivíduo, analisar suas possibilidades de aprendizagem e avaliar a eficácia das medidas adotadas. A atenção à diversidade deve se concretizar em medidas que levem em conta não só as capacidades intelectuais e os conhecimentos de que o aluno dispõe, mas também seus interesses e motivações. Esse conjunto constitui a capacidade geral do aluno para a aprendizagem em determinado momento.

¹ Fonte: <https://www.significados.com.br/diversidade/>

Dessa forma, a atuação do professor em sala de aula deve levar em conta fatores sociais, culturais e a história educativa de cada aluno, como também características pessoais de déficit sensorial, motor ou psíquico, ou de superdotação intelectual. Deve-se dar especial atenção ao aluno que demonstrar a necessidade de resgatar a autoestima. Trata-se de garantir condições de aprendizagem a todos os alunos, seja por meio de incrementos na intervenção pedagógica ou de medidas extras que atendam às necessidades individuais.

A escola, ao considerar a diversidade tem como valor máximo o respeito às diferenças – não elogio à desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa; podem e devem, portanto, ser fator de enriquecimento.

Concluindo, a atenção à diversidade é um princípio comprometido com a equidade, ou seja, com direito de todos os alunos realizarem as aprendizagens fundamentais para seu desenvolvimento e socialização (Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Básica – Brasília: MEC/SEF, 1997, p.96-97).

De acordo com o que está escrito acima, a necessidade de adequar objetivos, conteúdos e critérios de avaliação, que atendam a diversidade que existe no Brasil, é percebida através das adaptações curriculares previstas pelos níveis de concretização.

A educação escolar deve levar em conta a diversidade presente entre os estudantes como critério de essência para ser tratado quanto à melhoria na qualidade do processo de ensino e aprendizagem. As necessidades específicas de certos alunos, quanto à diversidade, devem ser atendidas pelo professor que deverá observar qual é a daquele aluno específico, analisando suas possibilidades quanto ao aprendizado e, fazer uma avaliação se as medidas tomadas foram eficazes.

A atenção dada à diversidade deve se pautar através de medidas que considerem, além das capacidades intelectuais, conhecimentos adquiridos pelo aluno bem como o nível de seu interesse e motivação. Desta forma, este conjunto associado, constrói uma capacidade geral do aluno para que, em algum instante, dê-se a aprendizagem.

Assim sendo, torna-se necessário que, em sala de aula, o professor atue e deva considerar fatores diversos como: sociais, culturais e a trajetória educativa de cada aluno, além das características intrínsecas quanto ao déficit sensorial, motor, psíquico ou de superdotação intelectual.

Ao aluno que deseja retomar a sua autoestima deverá ser dada especial atenção. É uma forma de garantir condições equânimes para todos, tanto por ações na proposta pedagógica, ou por medidas específicas que venham ao encontro das necessidades de cada um.

O valor máximo da escola é o respeito às diferenças, ao considerar que há diversidade. Elas não podem se constituir em obstáculos para que se cumpram as ações educativas, as diferenças devem ser fatores de enriquecimento.

Desta forma, torna-se um princípio em que à atenção dada à diversidade esteja comprometida com o tratamento igualitário, respeitando as diferenças, para que cada aluno realize suas aprendizagens fundamentais, buscando seu desenvolvimento e sua socialização.

Ao falarmos sobre educação faz-se necessário entendermos que a escola seja ou deva ser um universo de fomento da igualdade social, sendo muito importante na atualidade, haja vista o cenário político caótico que estamos vivendo. É fundamental que, na escola, sejam criadas atmosferas de transformações sociais, sendo cumpridas as atribuições dos educadores, enquanto trabalhadores em educação, num órgão formador, pertencente ao estado de direito.

O autor Miskolci (2017) aborda sobre os chamados “sobreviventes das tecnologias sociais”, que conforme sua visão tentam colocar cada um em uma determinada identidade, adequando a um único gênero cada corpo, sabendo de que forma a educação ajuda a fazer da infância e da adolescência épocas de vida direcionadas para a construção de homens e mulheres ideais. Esta premissa remete às chamadas pessoas ‘normais’ ou ‘corretas’. Essa é a forma de como, socialmente, nos fazem crer que devemos ser. Assim sendo, encontra-se um conteúdo diverso de reflexões que o autor considera saudáveis para o desenvolvimento de um novo olhar sobre a educação. O vetor que norteia a obra citada é o da reflexão acerca do que une educação e normalização social, entre escola e interesses biopolíticos, entre o sistema educacional e a imposição de moldes, de ser homem ou mulher, masculino ou feminino, hétero ou homossexual.

Já Miskolci

[...] discorre que, no Brasil durante o processo de universalização do ensino básico, a partir da década de 1990 a educação passa a ser dimensionada para grande parte da população que não havia sido contemplada pelo estado até então, o qual atendia somente essa grande massa por meio do sistema de saúde (Miskolci, 2017, p.37-p.55).

Durante muito tempo teve-se a escola como um lugar de aplicação de normas, como se fosse um grande ente estatal para normalizações. Isto demonstra o quanto era grande o interesse político e a importância dada para educar as pessoas com intuito de torná-las cidadãs de um estado-nação.

Percebe-se que, praticamente, toda a educação e a produção do conhecimento ainda são regidas por uma perspectiva heterossexista. Além disso, quando algo é apresentado como “científico” certamente deve-se remeter para uma visão masculina, branca, ocidental, cristã e hétero.

Aos educadores compete encontrar um equilíbrio entre o que é oferecido de informações gerais, como saúde, doenças sexualmente transmissíveis, contracepção e, outros temas relevantes a serem tratados no âmbito escolar, sem impor padrões de moral e comportamento conservadores e ultrapassados, nem tampouco emitir juízo de valor.

A entrada de normas e convenções, na experiência educacional, normalmente ocorre através dos padrões morais. Há de se considerar a importância de sabermos distinguir entre a concepção de educar, voltada para a diversidade/diferença, a fim de que esta possa tornar-se um eficiente meio de evitar que o aprendizado resulte em não somente manter a diferença como algo, no máximo, tolerável.

O elo da sociedade com a educação escolar se dá através da relação dialógica, no dia a dia, com a realidade familiar dos estudantes. Diferente do que imaginamos, essa proximidade (educação escolar/realidade familiar) não diminui seu papel social e político, haja vista que tem-se na família uma instituição-chave na consolidação da ordem social que vivemos. Face ao exposto e, considerando as questões tratadas pelo autor deste tema em tela, percebe-se, de forma inequívoca, como a educação ainda é despreparada para lidar com as diferenças.

A partir da leitura do artigo “Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica”, Freire (2003), é possível considerar que este acreditava que ‘a educação é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática’, assim temos uma estrutura rica e fértil para discorrermos sobre o tema.

[...] a educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática. Assim, educação seria uma concepção filosófica e/ou científica acerca do conhecimento colocada em prática. Alguém que praticasse uma concepção de conhecimento estaria “fazendo” educação. Educar seria promover a prática de uma teoria sobre o conhecimento (Freire, 2003, p.40,).

Nesta esteira podemos expor um leque de situações onde o maior firmamento seria uma teoria que se desenvolve a partir do próprio conhecimento posto em prática. O fato de praticar ou expor a concepção de um conhecimento por si só já

estaria atrelado ao ato do fazer “educação”, sendo que para toda a ação, a qual represente uma concepção de conhecimento, haverá um ato de educação.

Podemos ainda perceber que toda a ação que traga, em seu bojo, a concepção de compartilhar um conhecimento, estará promovendo educação, sendo que praticar e partilhar uma determinada teoria sobre algum saber, resulta no ato de educar. Desta forma é possível compreender que toda aquela ação que tenha um propósito educacional, está basicamente apoiada em uma convicção acerca do conhecimento. Através deste processo de criação e renovação do conhecimento, procura-se, por meio da educação, caracterizá-la como um arranjo social para a transformação da realidade, sendo uma ação permanente.

Conforme Freire (1997) num trecho da obra “Pedagogia da Autonomia” existem duas espécies de educação: “a dominadora e a libertadora”, sendo uma a serviço da classe que domina e a segunda seria da classe dos que eram dominados. Em sua concepção, conforme já mencionado, a educação libertadora visa exatamente à busca da produção e transformação do conhecimento, criando uma espécie de ciclo contínuo e permanente, revigorando a realidade. Em razão disso, ainda hoje se buscam respostas às diversas perguntas que conceituam os questionamentos acerca da ‘Teoria Freiriana’.

Ao fazer a leitura da obra “Pedagogia da Diversidade”, Freire (1980):

Quanto mais conscientização, mais se “des-vela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por essa mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da (práxis) ou melhor, sem o ato de ação-reflexão. Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens (Freire, 1980, p. 26).

Nesta conscientização, Freire (1980) explicita que quanto mais ela for manifestada, mais a realidade será desnudada e haverá maior base de imersão no âmago do fenômeno que rege o objeto, com o qual nos deparamos para a análise. Por esta causa, a conscientização não significa estar à frente da realidade, assumindo posições de falsete intelectual. Não existe conscientização sem o ato de ação-reflexão. Através desta dialética o autor expõe a constituição perene do modo de ser ou transformar o mundo, que caracteriza a humanidade.

Ainda fazendo referência a obra de Freire (1987), “Pedagogia do Oprimido” podemos consignar a citação abaixo:

[...] quem, melhor que o oprimido, se encontrará preparado para entender o significado terrível da sociedade opressora? Quem sentira, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade de libertação? Libertação à qual não chegaram pelo acaso, mas pela práxis de sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento de lutar por ela (FREIRE, 1987, p. 31).

Diante desta premissa fica transparente o poder que a sociedade opressora exerce sobre o oprimido, de tal forma que ninguém mais do que ele é capaz de entender esta relação entre ambos. Também é o oprimido quem mais compreende a carência da libertação, a qual não se chega pelo simples destino, mas sim pela ação de sua procura, pelo conhecimento e reconhecimento de batalhar por ela.

4 CAMINHOS E ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A presente pesquisa teve uma abordagem qualitativa, levando-se em consideração que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números, conforme Menezes, (2001).

A metodologia utilizada neste estudo seguiu os pressupostos qualitativos, pois este tipo de análise permite que o pesquisador discorra sobre as diversas interpretações intrínsecas nos discursos de cada sujeito - que são carregados de suas experiências, vivências e práticas profissionais.

As interpretações dos fenômenos na pesquisa qualitativa não requerem o uso de métodos e técnicas estatísticas, mas analisam as várias possibilidades do contexto real. Na pesquisa qualitativa não se analisa uma realidade, analisam-se realidades.

Segundo Denzin:

A pesquisa qualitativa consiste, num conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo, sendo ela a forma de melhor investigar e interpretar os processos que compõem a educação formal e informal, devido à atenção dada aos detalhes do cotidiano (DENZIN,2006, p.17).

Conforme Denzin (2006), “o conjunto de práticas materiais e interpretativas dão significado à pesquisa qualitativa, assim como visibilidade ao mundo”. É a melhor forma de investigar e interpretar os processos que constituem a educação formal e informal, considerando-se a observância emprestada para os recortes do dia a dia. Baseada nessa observação pude avaliar que a entrevista, com as questões gravadas, me serviu como elemento capaz de contemplar o/os objetivo/os, permitindo aos docentes trabalharem a retórica livremente acerca das questões perguntadas.

Conforme Gil (2010), as pesquisas entendidas como sendo qualitativas caracterizam-se pela ‘flexibilidade’, assim como pela ‘forma simplificada’ em que podem ser organizadas, este tipo de pesquisa

[...] depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Assim, define-se essa sistematização envolvendo ampliação, interpretação, aprofundamento, sequenciamento e categorização dos dados (GIL, 2010, p. 133).

O autor argumenta ainda que nas pesquisas qualitativas

[...] o conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativas, considerando todos os aspectos que possam enriquecer os resultados encontrados e analisados (GIL, 2010, p. 133).

Chizzotti (2008) corrobora com as concepções de Gil (2010) ao salientar que a 'pesquisa qualitativa proporciona ao pesquisador maior intensidade e imersão ao tema relativo às questões de gênero', pois para que seja interpretado e argumentado é necessário que o mesmo explore e investigue com maior aprofundamento. Cabe ressaltar, que uma das principais vantagens de estudos classificados como qualitativos se refere à reflexão permitida, para que os dados encontrados sejam analisados, fundamentados e então discutidos é necessário que o pesquisador realize constantes ponderações.

Quanto aos objetivos este estudo classifica-se como 'Exploratório', pois esclarece ideias, opiniões, percepções e entendimento sobre o tema em questão, o que propicia uma visão ampla e a partir disso familiarizar-se com as problemáticas que nortearam o desenvolvimento da pesquisa (Gil, 2010).

Além disso, Gehardt e Silveira (2009) mencionando Gil (2007) especificam que

[...] a grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GEHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 35).

Logo, a utilização do levantamento bibliográfico, da entrevista como instrumento de coleta de dados, e o diagnóstico são algumas das características empregadas nas pesquisas consideradas como Exploratórias. Por meio destes exemplos, é possível com que o pesquisador compreenda, ainda mais, no caso deste estudo, os discursos dos participantes (GEHARDT, SILVEIRA, 2009; GIL, 2010).

Para tanto, com a finalidade de atender aos objetivos estabelecidos desta pesquisa, elaborou-se um instrumento de coleta de dados composto por três perguntas, sendo elas:

01) O que você entende por diversidade de gênero?

02) Você trabalha com o tema diversidade de gênero nas aulas de Educação Física? Caso afirmativo, quais as estratégias usadas?

03) Você procura por novas práticas pedagógicas ou atividades para desenvolver o tema diversidade de gênero? No caso de resposta afirmativa, como?

Realizei a entrevista, com os sujeitos da pesquisa, gravando com a utilização do meu aparelho celular.

4.1 Dimensionamentos do universo docente e a escolha dos sujeitos da pesquisa

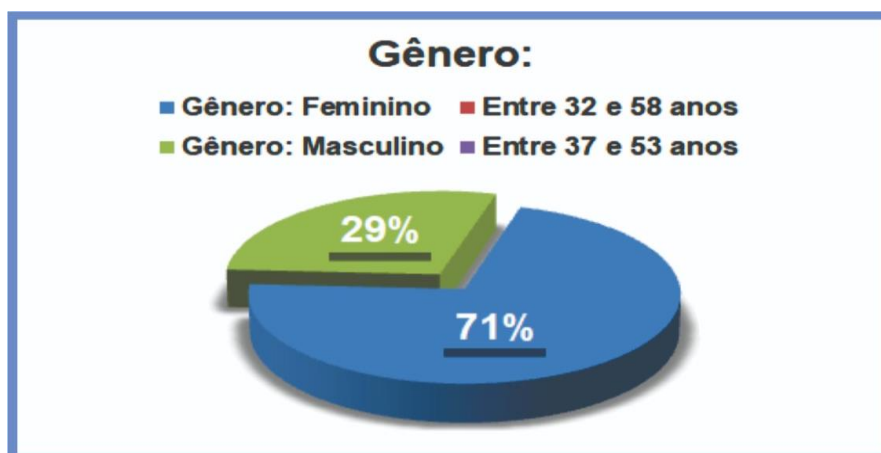
Com o intuito de justificar e entender como os sujeitos deste estudo foram selecionados, faz-se necessário contar parte dos caminhos percorridos até a concretização desta pesquisa, conforme o meu excerto abaixo:

Tudo começou com a Formação que planejei e executei em 03 de julho de 2018 para os professores de Educação Física e demais docentes que tivessem interesse pelo tema relacionado com a diversidade de gênero. Nesta época, eu atuava como Assessora de Esporte Educacional da Coordenadoria Regional de Pelotas 5ª CRE. Nessa formação, eu entreguei uma ficha de avaliação/questionário com perguntas relacionadas ao tema, para serem respondidas no seu início e as outras no final. Na minha qualificação mencionei essa formação, porém, os dados da mesma não foram utilizados, apenas me serviram de subsídio, de modo que eu pudesse dar continuidade a minha pesquisa. Até o momento da qualificação, minha proposta era convidar, para serem entrevistados, os docentes da educação básica da rede pública estadual da cidade de Pelotas, os quais tivessem participado da formação de 03 de julho de 2018. Contudo, durante minha qualificação, a banca, de forma quase que unânime, sugeriu que eu fizesse um recorte entre esses participantes e convidasse a participar da entrevista somente os professores do componente curricular de Educação Física. Conversando com minha orientadora, após a qualificação, analisamos a lista dos participantes da formação ocorrida em 03 de julho de 2018, e constatamos que todos os professores que participaram, atuavam naquele momento no Ensino Fundamental anos finais. Desta forma, justifico a escolha dos participantes para as interpretações dos dados: professores de Educação Física do Ensino Fundamental anos finais da Rede Pública Estadual da cidade de Pelotas.

As entrevistas foram realizadas com cinco docentes, pois dos sete contatados, apenas estes se colocaram a disposição. Inicialmente eram sete docentes, porém um deles não respondeu ao convite para participar da entrevista e outro mudou-se de estado, assim participaram efetivamente cinco docentes do componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental, que atuam na rede pública na cidade de Pelotas/RS, sendo: quatro do sexo feminino e um do sexo masculino. A faixa etária dos entrevistados compreende dos 32 (trinta e dois) anos aos 58 (cinquenta e oito) anos de idade, conforme demonstro; Considerando os elementos - faixa etária e gênero, área de formação, campo de atuação, apresento os resultados na sequência.

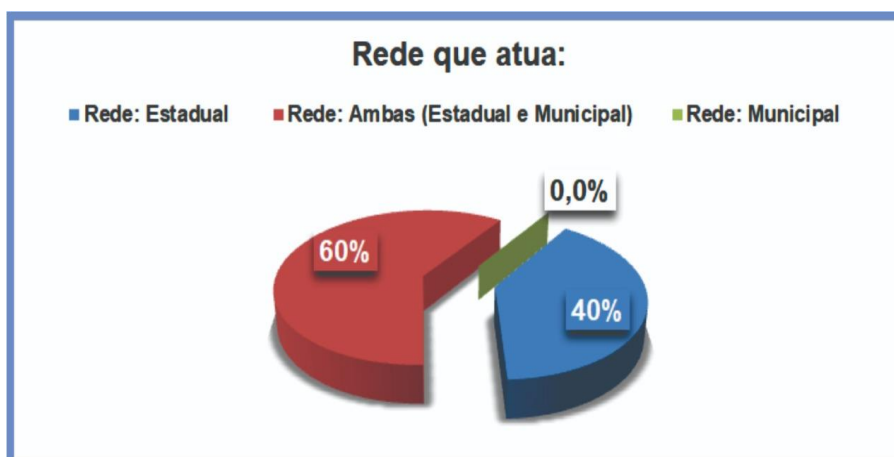
4.2 Reconhecendo os sujeitos investigados

01) Gênero e faixa etária



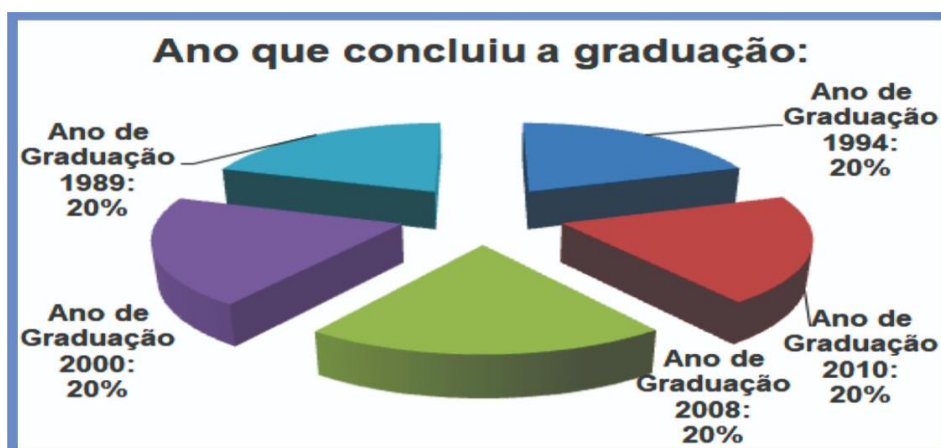
02) Redes que atua/m

Dos cinco docentes entrevistados, três atuam em Escolas Estaduais e também em Escolas Municipais e dois unicamente em Escolas Estaduais.



03) Ano de conclusão da graduação

No que diz respeito ao ano de formação dos entrevistados, constatou-se como a mais remota data, o ano de 1989 e a mais atual ocorrida no ano de 2010.

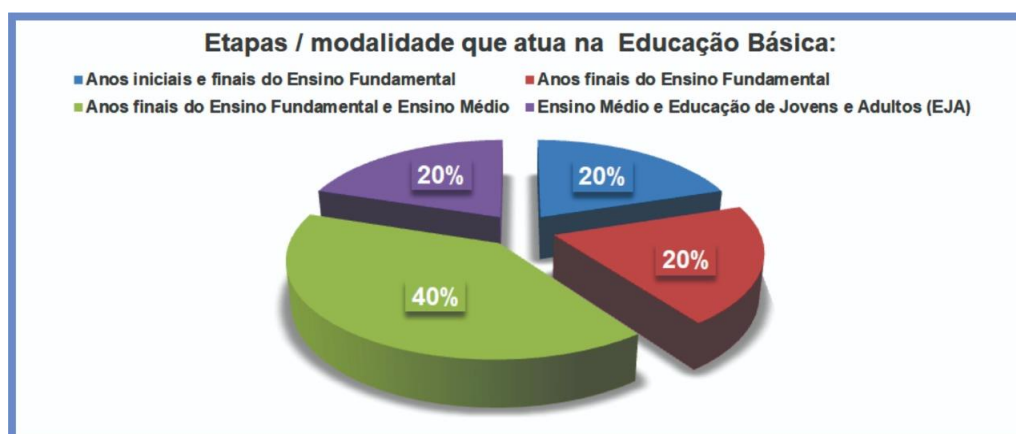


Quanto à escolarização dos entrevistados, quatro são graduados em Educação Física e um cursou Licenciatura em Educação Física. Destes, um graduou-se também em Geografia. Deste universo, um é Doutor e dois são Mestres, sendo um em Educação Física e um em Geografia. Outro é Especialista, tendo intensificado seus estudos em Educação Física Escolar e um deles é Técnico em Desporto.



05) Etapa/modalidade de atuação

No que se refere às etapas/modalidades de atuação, na Educação Básica, denota-se que eles desenvolvem suas atividades nas mais diversas etapas/modalidades de ensino, que vão desde os Anos Iniciais até o Ensino Médio e para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Constatou-se que um atua somente no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), dois ministram aulas para o Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e o Ensino Médio, um é professor nos Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental e outro desenvolve suas atividades no Ensino Médio e na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA).



Em relação à localização das escolas, dos cinco participantes da pesquisa, três atuam em escolas da periferia e dois atuam em escolas centrais.



Quanto aos aspectos: faixa etária, rede/s que atuam, ano de conclusão da graduação, escolarização, etapa/modalidade de atuação, localização da escola (central ou periferia) em relação aos dois docentes que não foram entrevistados não disponho dessas informações, visto que um deles não respondeu ao convite para participar da entrevista e outro mudou-se para fora do estado.

Com a intenção de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, atribuí símbolos alfanuméricos em que a letra “D” significa “Docente”, e os números 1, 2, 3, 4 e 5 relacionados à ordem na qual a entrevista foi realizada, sendo identificados da seguinte forma (D - 1, D - 2, D - 3, D - 4 e D - 5).

Acima apresentei alguns dados, tendo levado em consideração: gênero e faixa etária, rede(s) que atuam, ano de conclusão da graduação, escolarização, etapa/modalidade de atuação, localização da escola (central ou periferia), expressados através dos gráficos feitos no Excel 2010, acerca dos sujeitos desta pesquisa.

Na sequencia apresento as caracterizações dos pesquisados: (D - 1, D - 2, D - 3, D - 4 e D - 5) e nos anexos consta a transcrição na íntegra das falas das/os entrevistadas/os.

A compilação, interpretações e avaliações sobre os dados obtidos, com base nas respostas das 03 (três) perguntas feitas aos docentes, abordarei no capítulo 5 (cinco); após ter realizado as transcrições, e considerando a questão do tema de pesquisa - Diversidade de Gênero - encontrei elementos que se aproximam, falas que

se repetem e expressam o mesmo sentido, sendo essas as que mais se reproduzem: sexualidade, aceitação, respeito, identificação, vontade, diferença.

A entrevista aconteceu com três perguntas para cada um dos participantes, sendo que cada um deles foi entrevistado num dia diferente, bem como os locais das entrevistas foram combinados previamente.

Após concluídas as entrevistas fiz a transcrição das mesmas através de um vídeo que assisti no Youtube - como converter áudio para texto 100% (cem por cento) automático, conforme o que segue abaixo:

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=yr5XQx6uNp0>

5 COMPILAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E AVALIAÇÕES SOBRE OS DADOS OBTIDOS

Partindo do pressuposto que as apresentações dos dados das entrevistas foram realizadas com base qualitativa, vislumbrando aprofundamento, interpretação, argumentação e com o intuito de entender as perspectivas dos participantes da pesquisa frente ao tema em tela, extraí excertos de suas falas.

O caminho das interpretações deu-se pelas 03 (três) questões realizadas através das entrevistas feitas com os sujeitos da pesquisa.

5.1 Interpretações a partir da questão 01

Na primeira questão busquei perceber o entendimento subjetivo dos docentes a respeito da diversidade de gênero. Constatei a pluralidade nas respostas, assim como fatos cotidianos que eles vivenciaram/vivenciam no exercício da docência. Como exemplo, cito a fala de D - 1 ao destacar que em sua opinião a

[...] diversidade de gênero (annn...) identidade de gênero é como a pessoa se vê, como a pessoa se enxerga, é uma construção social do masculino e feminino (annn)... A diversidade eu compreendo como uma (ann)..., uma escolha da pessoa, tipo: a pessoa nasce com o sexo diferente daquilo que ela se sente, né? (D - 1).

Diante do relato percebe-se que D - 1 interliga diversidade de gênero à identidade de gênero ao responder o questionamento mencionando que a identidade de gênero é a forma pela qual o sujeito se enxerga. Ao passo que, em sua opinião, a diversidade de gênero refere-se à escolha de cada um, especificando ainda que o indivíduo nasce com o sexo diferente do qual, na verdade, ele se considera. Conclui sua resposta destacando [...] é as pessoas que têm essa possibilidade, essa vontade de assumir [...] a sua sexualidade e o que precisa pra isso, penso que a gente compreender e respeitar [...].

O D - 1 ainda traz um exemplo vivenciado que justifica sua resposta, pois afirma ter em uma de suas turmas da Escola

[...] meninos (éé)... registrados e nascidos com uma genitália masculina e eles são umas meninas. Eu tenho o Bruno, ele é uma menina, ele é uma menina e ele quer, aos 18 anos, ele diz que ele vai ser gay. Então, ele é uma menina que nasceu com um pênis (D - 1).

O excerto em destaque também revela a realidade encontrada em grande parte das Escolas, sendo elas privadas ou públicas, já que as questões relacionadas à diversidade e identidade de gênero deveriam ser percebidas e respeitadas de modo natural, não somente na área da educação, mas também nas demais áreas. Mas por que se gastaria tanto esforço para rondar e garantir que meninas/os – especialmente os meninos – se tornem heterossexuais se, a heterossexualidade fosse natural? Sendo ela mesmo algo natural, deveríamos considerar que não fosse necessário cuidar de sua “aquisição”. Essa é uma das questões que tanto preocupa os pais, bem como os educadores, sendo, por vezes, uma das causas de tensão e atrito entre a escola e a família. Talvez se possa dizer que o processo, em relação à heteronormatividade, ou seja, a reiteração da heterossexualidade obrigatória em nossa cultura seja exercido, em relação ao gênero masculino, de modo mais intenso ou mais visível. A construção de uma sexualidade heterossexual em relação aos meninos, principalmente, é o alvo desenvolvido desde muito cedo para eles.

No âmbito escolar percebe-se, cada vez mais, a necessidade pungente de espaços para diálogos e de abordagens referentes às questões de liberdade e de diversidade de gênero, já que é na escola que grande parte das vezes o indivíduo começa a perceber suas especificidades, diferenças e preferências. A maior parte desses indivíduos não possui liberdade, tampouco coragem para expressar seus sentimentos com as pessoas que os rodeiam, logo, a escola tem um papel primordial neste aspecto ao propiciar que

[...] as vozes dos sujeitos sejam ouvidas, cada um do seu modo, gritam silenciosamente por momentos em que possam expressarem-se e sanar dúvidas, sem medo de represálias e livres de julgamento (RIOS; SOUSA e RODRIGUES, 2016, p. 74).

O D - 2 argumenta, em sua fala, que a diversidade de gênero para ele

[...] são as diferentes condições, as diferentes formas que as pessoas se manifestam. Então, têm questões relacionadas com a sexualidade, com (aaa)... os gostos, com as preferências [...] (D - 2).

O relato expresso por D - 2 evidencia os aspectos relativos às diferenças, pois além de enfatizar o termo, diversas vezes, no decorrer de sua resposta, complementa seu pensamento ao expressar que, nesse sentido, também são incluídas as

[...] diferenças de gênero do masculino e do feminino, não propriamente praas ... pro sexo biológico do homem e da mulher, mas, mais voltado para

gostos e o que as pessoas realmente sentem, mais prazer em fazer e de se manifestar (D - 2).

Entende-se, então, que na visão de D - 2, a diversidade de gênero está fortemente relacionada à subjetividade de cada ser e suas preferências, gostos e diferenças. O que corrobora com Louro (2007) ao destacar que a construção dos gêneros e da sexualidade é realizada de modo sutil e delicado, num processo inacabado, minucioso de constante renovação, por meio de diversas partilhas, trocas, discussões, escutas e aprendizagens em situações variadas.

A fala de D - 3 assemelha-se, em parte, com o relato de D - 2, pois em sua concepção a diversidade de gênero perpassa a simples questão de

[...] homem e mulher, é... feminino e masculino. Eu acho que é mais uma identificação própria de cada ser humano de como ela se define, né? Como ser humano, como pessoa [...] (D - 3).

Novamente são salientadas as questões individuais e a maneira de como a pessoa identifica-se, percebe-se e define-se. Ou seja, para D - 3 as questões atreladas à diversidade de gênero vão muito além da definição homem e mulher propriamente dita, pois

[...] cada pessoa tem sua característica, a sua preferência, e vai se moldando de maneira diferente, e a gente vai entendendo e conhecendo como é que é essa diversidade enorme da pessoa se identificar na vida como pessoa (D - 3).

Em outra parte do relato, D - 3 especifica a diversidade de nomenclaturas destinadas ao tema ao ressaltar que [...] tem um leque muito amplo que eu acho que a gente até acaba desconhecendo muito dessas nomenclaturas [...] mas acho que atualmente, a gente tem falado mais sobre o assunto [...]. No decorrer de sua resposta, D - 3 salienta que as pessoas estão se mostrando mais e que por este motivo, na grande parte das vezes, por meio da prática, têm-se aprendido e entendido como cada nomenclatura deve ser empregada.

Na entrevista realizada com D - 4 constatou-se que ele/a não expressa claramente sua definição a respeito do que é diversidade de gênero, mas salienta que em seu entendimento é

[...] todas as formas de se representar, né? Assim como personalidade, como tipo de gênero, né? Gostar da outra pessoa e se relacionar consigo mesmo

dessa forma. Eu entendo que é uma... que é como tu se posta perante à sociedade e consigo, é, é... feminino, masculino, né? Nesse sentido de feminino e masculino ou outros (D - 4).

Frente ao exposto, infere-se que na concepção do D - 4 a diversidade de gênero está também relacionada à forma na qual o sujeito se identifica consigo mesmo e para com a sociedade. Em termos de sociedade e de reconhecimento subjetivo, Jesus (2012, p.8) especifica que

[...] a sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher. Porém, a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, é social. Para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos.

Conforme Jesus (2012), as questões que envolvem o processo de definição do sexo são somente as biológicas. Entretanto, as que demarcam o comportamento do sujeito relacionam-se a diversos fatores, como o cultural, que é distinto em determinadas características, em alguns países, assim como a forma na qual ele se enxerga e se expressa, entre tantos outros.

O D - 4, argumenta ainda que na atualidade o assunto vem ganhado maior proporção e espaço. Destaca também que antes as nomenclaturas utilizadas restringiam-se apenas a homem e mulher e que nos dias de hoje existem outras tantas, como por exemplo, [...] transexual, tem gay, tem lésbica, tem... [...].

Já D - 5 não especifica ou argumenta de modo claro a forma a qual entende o que é diversidade de gênero. As respostas ao primeiro questionamento estão muito mais voltadas a um olhar específico para seu fazer docente no componente de Educação Física, já que inicia seu relato elencando que em sua visão, diversidade de gênero é

[...] trabalhar (ann)... menino, menina, né? Dentro das minhas atividades sem ter (ann)... a questão de priorizar. Ahh... essa atividade é de menino, essa é de menina, né? Isso menino pode, menino não pode. A compreensão que eu tenho, assim, pra Educação Física seria isso (D - 5).

A partir do excerto selecionado, denotou-se que o professor preocupa-se em não delimitar ou determinar as atividades diante do sexo de seus estudantes. Ele acredita que, no desenvolvimento de suas atividades como professor de Educação

Física, é importante não estipular ou priorizar o que cada estudante deverá realizar mediante o sexo, mas sim deixá-los escolher para que realizem as atividades nas quais sintam maior interesse.

O D - 5 complementa seu relato destacando não desenvolver designadamente o tema diversidade de gênero, em suas aulas. Em outro fragmento, faz menção que, por vezes, no contexto de suas aulas, é necessário empregar determinadas estratégias, pois os desafios cotidianos docentes apresentam

[...] situações em que há esse conflito, né? entre menino e menina. Essa questão de gênero de que um pode e outro não pode, (ann)... entre os próprios alunos e aí é a questão do professor intervir de que a atividade tem que ser pra todos [...] (D - 5).

Conforme analisado por (Madureira e Branco, 2015, p. 584), “são renovados no cotidiano das escolas – com distintas formas, os significados ultrapassados a cerca das feminilidades e masculinidades”, os quais ascendem à sociedade brasileira no período colonial. Sendo, a dicotomia: “(a) masculinidade – movimento – alçada do espaço público X (b) feminilidade – quietação – alçada do espaço privado, sendo bem viva no momento”.

De acordo com Madureira e Branco (2012b apud: Madureira e Branco, 2015, p. 587) é primordial que dentro das escolas, “tanto a reflexão como a discussão, sejam estimuladas, sobre as raízes histórico-culturais e efetivas das diferentes formas de preconceito”. No fim das contas a “eficiência excludente” dos preconceitos também está alicerçada, posto que as pessoas geralmente, não falam sobre eles, desta maneira estes continuam sendo reproduzidos sem maiores questionamentos. O respeito à diversidade sexual e de gênero são temas complexos, nos quais são envolvidas questões polêmicas e preconceitos seculares, afetivamente profundos.

Ao investirmos na ampliação dos espaços institucionais e relacionais, destinados a trabalhar os sentimentos, crenças e valores, de modo que garantam a consolidação de práticas reflexivas, fazendo-se estes extremamente necessários, devendo estar em sintonia com a construção de uma cultura democrática de valorização das diversidades nos ambientes escolares.

Os aspectos supramencionados da fala extraída de D - 5 evidenciam um processo histórico ainda pautado nas questões de direitos, especialmente para o sexo feminino. O que deve ser levado em consideração, especialmente em situações como estas, que são a igualdade, respeito e a liberdade de escolha, já que cada sujeito

possui suas particularidades e subjetividades; a natureza humana é ser diferente em diversos aspectos, tanto fenótipos quanto genótipos. Rios, Sousa e Rodrigues (2016) salientam que ‘na sociedade este tipo de distinção é facilmente percebido, principalmente entre mulheres, gays, negros e outros tantos grupos que são até então consideradas como minorias’, que até os dias de hoje são oprimidas pela crença repassada de geração em geração.

5.2 Interpretações a partir da questão 02

O segundo questionamento realizado aos professores foi “Você trabalha com o tema Diversidade de Gênero nas aulas de Educação Física”? Caso afirmativo, quais as estratégias usadas? que teve como intuito verificar se e como os docentes desenvolvem o tema, em tela, em suas atividades escolares. A seguir apresento as interpretações a partir das falas:

D - 1 enfatiza que não desenvolve o tema em questão em suas aulas, pois em sua opinião

[...] não tem como não trabalhar diversidade de gênero, né?! Uma vez que a gente ann... em todos os níveis de escolaridade a gente recebe - esse menino que eu falei, ele está no 4º ano - ele me disse isso no 2º. No 2ª ele foi meu aluno e ele chegou e falou que aos 18 anos ele vai ser gay, isso é uma informação da família, eu penso que aí, aos 18 anos tu podes fazer o que tu queres, né?! (D - 1).

Este docente afirma a impossibilidade de não abordar, apenas exemplifica a realidade de um dos estudantes que fora seu aluno, mas não argumenta em nenhuma parte de sua resposta os motivos pelos quais acredita não ser possível desenvolver a Diversidade de Gênero nas aulas de Educação Física.

Assim como diversos profissionais da área da educação, acredita-se que D - 1 tenha receio em desenvolver tal tema por questões que podem ser desde desconhecimento ou despreparo. Dentro desse contexto, Melo (2016, p. 247) destaca “a complexidade dos termos que estão atrelados a Diversidade de Gênero, tais como a diversidade sexual e identidade de gênero”, pois para que as abordagens sejam encaminhadas de maneira adequada precisa-se

[...] de embasamento teórico e formação que nos permita abordar tais temas em sala de aula, visto que ambos estão presentes no espaço escolar e se não forem bem discutidos podem causar desde uma simples confusão de

termos, à concretização de atos violentos contra os indivíduos que apresentam tais condições (MELO, 2016, p. 247).

Todavia, o despreparo dos profissionais não é o único empecilho vinculado às discussões relativas à Diversidade de Gênero. As barreiras perpassam os muros das escolas, pois grande parte dos responsáveis pelos estudantes acreditam que este tipo de abordagem pode influenciar a sexualidade, mesmo tendo conhecimento de que as questões sexuais são subjetivas e particulares, e que o fato de proporcionar diálogos não interferirá em suas escolhas. O que deve ser entendido e ressaltado é a aceitação desprendida de julgamentos e preconceitos, bem como a prevalência do respeito às diferenças.

Ao contrário de D - 1, D - 2 afirma desenvolver a Diversidade de Gênero no seu fazer docente, pois possuía estudantes homossexuais, especialmente na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pela heterogeneidade de faixa etária e de vivências. Dentre as estratégias empregadas por D - 2 para abordagem do tema em tela, a mesma destacou que realiza a

[...] adaptação das regras, então eles jogam, eles praticam as aulas juntos, eles fazem as atividades, e aí eu vou coordenando as regras, adaptando de forma que eles consigam jogar, de maneira que todos possam ter sucesso na atividade e com o passar das aulas [...] (D - 2).

Frente ao excerto do relato de D - 2 percebe-se que o docente acredita que a interação sem distinção entre os sexos, se dá através das regras de determinados jogos, e os esportes são boas estratégias para o desenvolvimento do tema. D - 2 expressa sua satisfação e entusiasmo ao averiguar que por meio desse contexto os estudantes, por iniciativa própria, fazem uso de adaptações às regras, pois

[...] assim eles começam a pensar no todo, como é que todo mundo vai se sentir incluído naquela aula, naquela atividade, então eles começam a ter essa visão, essa consciência de que todo mundo precisa participar, e todo mundo precisa ter chance de ganhar no jogo (D - 2).

A fala de D - 2 demarca que a interação é um excelente caminho para que os estudantes percebam a importância da inclusão nos mais diversos meios escolares. No caso de suas aulas destinadas a disciplina de Educação Física D - 2 explica que grande parte das atividades são realizadas em conjunto, independentemente do sexo do estudante. Por vezes D - 2 oferta algumas atividades diferenciadas simultâneas, com propostas distintas em consonância com o solicitado, pelos seus alunos, e

justifica esta iniciativa pelo fato de possibilitar maior participação e reflexão a respeito de seus interesses, mas que [...] não é separado por menino e menina, são duas propostas diferentes na mesma aula, que eles optam por fazer uma, depois a outra e aí depois troca e faz a vivência diferente (D - 2).

Da mesma forma que D - 1, D - 3 enfatiza que não é possível abordar a Diversidade de Gênero, já que em sua visão, atualmente, os adolescentes não omitem mais a sua sexualidade. Logo, não escondem suas opções sexuais e vontades “eles mostram, eles falam, eles declaram muito abertamente a sexualidade”. O fragmento da fala de D - 3 não deixa claro o motivo pelo qual o mesmo não desenvolve o tema em suas aulas. O excerto supracitado leva a uma reflexão: “Se os estudantes de D - 3 possibilitam abertura a respeito de sua sexualidade, porque o docente não utiliza esta oportunidade para dialogar com os eles”?

Dentre as prováveis respostas a esta reflexão, crer-se-á que a própria liberdade de expressão e aceitação possa ser um dos motivos nos quais o docente prefere não desenvolver a Diversidade de Gênero em suas aulas. Outra possível explicação está atrelada às diretrizes e preceitos nas quais a Gestão da Escola impõe, visto que, muitas vezes, os professores são aconselhados a deter-se à grade curricular e deixar em segundo plano determinados temas, como por exemplo, a Diversidade de Gênero. Pode-se ainda cogitar outros fatores tais como a falta de conhecimento e entendimento, a resistência em debater a temática, ou também a aceitação dos familiares diante das informações, entre outros.

D - 3 revela, em suas considerações, que não teve problemáticas em relação à Diversidade de Gênero ou a preconceitos relacionados a isso e destaca que os adolescentes possuem maior aceitação entre si. No entanto, ressalta que tem percebido preconceitos relativos ao racismo e a gordofobia, afirmando que com essas questões têm sido mais complexo tecer reflexões e diálogos.

Em outra parte de seu relato D - 3 especifica a respeito da curiosidade dos estudantes em relação à opção sexual dos colegas, especialmente dos que estão iniciando seus estudos na turma, ou seja,

[...] eles têm a curiosidade de saber se o aluno é gay ou se não é, porque hoje em dia eles têm curiosidade de saber, né?! Se entrou um aluno novo na sala que não é alguém que eles conheçam. Então, eles já querem logo saber se o guri gosta de guria, se ele gosta de menino [...]

D - 3 explica que perante essas situações, em determinado e adequado momento o assunto é trazido para discussão com a finalidade de que os estudantes se conheçam. Nesses espaços muitos dos alunos também já declaram sua sexualidade o que evita julgamentos e constrangimentos futuros. Logo, percebe-se que D - 3 busca trazer, mesmo que de maneira sutil, algumas questões referentes à Diversidade de Gênero, sendo ela abordada por meio de conversações informais ou diálogos rápidos no contexto de suas aulas, pois o que fica evidente é que o mesmo propicia abertura para que os estudantes se expressem de forma livre.

O discurso proferido na fala de D - 3 corrobora com as questões trazidas pelo estudo de Melo (2016) que faz menção aos preconceitos enfrentados pelas pessoas que possuem identidade de gênero ou orientação sexual que não corresponde com o sexo biológico. O autor aponta que, em diversas situações, estas são acometidas por preconceitos e constrangimentos, assim como a violências tanto físicas, morais quanto verbais. Na atualidade nota-se que tais situações ocorrem nos mais distintos meios sejam estes profissionais ou pessoais e não apenas na âmbito escolar.

No entanto, partindo do pressuposto de que a escola deve ser considerada como um local de partilha, ensinamentos e aprendizagens que não restringem-se a conhecimentos científicos, mas também à diversidade humana, faz-se essencial debater e perceber quais as ações devem ser adotadas para minimizar e erradicar estas atitudes. Para tanto, é importante diagnosticar o preparo dos docentes e perceber se esses estão aptos a abordar e contornar possíveis situações que envolvam a desigualdade e Diversidade sexual e de Gênero no contexto de suas aulas (Melo, 2016).

D - 4 inicia seu relato expondo que perante sua visão a Diversidade de Gênero é um tema transversal, mas também não deixa claro se desenvolve a temática em suas aulas de Educação Física. Melo (2016, p. 243) menciona também que o Ministério da Educação por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) [...] possibilita trabalhar a orientação sexual como um tema interdisciplinar, onde se incluem informações sobre a educação sexual, não se limitando a um aspecto meramente biológico. Diante da resposta inferida, nesse sentido, como reflexão, é salutar salientar que apesar das mais de duas décadas da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, que datam (1997), muitos professores e

educadores desconhecem e estão despreparados para abordagens transversais do tema (MELO, 2016; CAMPOS, 2015).

Na sequência da entrevista o docente destaca que sempre busca não classificar e nem distinguir, pelo sexo, os estudantes nas atividades propostas. No entanto, exemplifica que, em determinados esportes, prefere organizar os estudantes em relação ao sexo, pois [...] hoje eu tenho as minhas meninas que jogam futebol separado dos meninos. Eu acho importante porque as meninas elas tinham uma técnica menos... menor (D - 4).

A justificativa apresentada por D - 4 refere-se à prática do futebol em si, ou seja, a qualidade técnica que se difere entre meninos e meninas, acentuando que não se trata de desqualificar, mas que

[...] pra elas poder jogar em quadra, no Ensino Médio, junto com os meninos, elas teriam que, que, que aprender melhor a técnica pra jogar junto com eles. E também assim! Annn ... Eles formam grupos. Então, é bem, é bem complicado tu botar menino jogando com menina dentro do, do, da quadra (D - 4).

D - 4 especifica que para além das questões de qualidade técnica e habilidades do futebol, as questões de grupos internos que são criados entre os meninos. Acredita-se que a preocupação esteja vinculada aos critérios de inclusão nas atividades ofertadas por D - 4, já que em outro fragmento de sua resposta infere-se que esta/e já teve iniciativas de inserção em que

[...] já fiz experiência com futebol misto e, e pra ano passado mesmo eu trabalhei uma interséries, incluindo o futebol misto pra poder incluir as meninas, porque não, a gente não tinha jeito de incluir as meninas no, na intersérie de futebol e aí tive que forçar um futebol misto. Aí esse ano já tive mais meninas participando. Então, foi uma evolução, eu acho, que daí, tipo, consegui fazer equipe feminina e equipe masculina, que daí propiciou mais meninas jogando. É um exemplo de gênero, né?! (D - 4).

A fala de D - 4 é demarcada pela intenção de inclusão e interação entre os estudantes, justamente pelas tentativas supracitadas, as quais resultaram positivamente com a crescente participação feminina nas interséries de futebol da escola. Em nenhum momento do relato fica evidente se D - 4 busca desenvolver a Diversidade de Gênero de modo direto, tampouco as estratégias nas quais são utilizadas para tal abordagem. As percepções obtidas por meio das menções de D - 4 remetem a tentativa de inclusão entre os estudantes, como por exemplo, no futebol. Por meio disso, mesmo que implicitamente, acredita-se que a possível estratégia

empregada seja a prática do esporte em si, mas que não fica evidente em nenhuma parte do discurso de D - 4.

Com base nos estudos de Pereira e Mourão (2005), Alexandre (2016) cita que os debates em torno da temática de gênero no âmbito da Educação Física Escolar, nos esportes e nas atividades físicas em geral são atuais. Pesquisadores da área realçam que o enfoque dos estudos estão interligados a superação do modelo tradicional imposto em que frisa que o corpo em movimento é separado por sexo.

Alinhados ao pensamento de D - 4 em integrar os estudantes no esporte de forma mista, alguns autores enfatizam que após a inserção dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997) as aulas de Educação Física e a prática de esportes no contexto escolar devem ser entendidas como fundamentais, haja vista que essa atitude promove avanços consideráveis nas questões de gênero. Além disso, a interação mista entre os estudantes de ambos os sexos aumenta o respeito às diferenças e as limitações, promovem partilha de conhecimentos e minimizam a estereotipia (CRUZ; PALMEIRA, 2009; ALEXANDRE, 2016)

Já o discurso de D - 5 é permeado pela palavra aceitação. Em várias partes do relato percebe-se que há ênfase voltada para as questões de aceitação, conforme o fragmento

[...] como eu trabalho nas séries iniciais e finais. Ann ... Nos anos iniciais até uma, há uma, não diria nem que uma aceitação, não há nem uma percepção dos próprios alunos em querer haver essa discriminação, mas nos anos finais, atualmente não tenho nenhum aluno, né?! Assim, com essa... nessa situação, mas já tive, assim, tanto como a aceitação do grupo, sim, e também a aceitação do grupo, não. Ann ... Quase que meio a meio de aceitar o diferente, né?! Ou não aceitar. Então, eu ... A minha experiência me mostra bem dividido, né?! A questão da aceitação e da não aceitação das séries finais. Nos anos iniciais é ... meio que se confunde isso entre os pequenos, assim, não terem essa... essa... não vou dizer ... essa... essa percepção (D - 5).

Nesse caso, infere-se que a resposta de D - 5 não contempla o questionamento lançado, visto que, não encontrou-se indícios, mesmo que de forma implícita, se o docente desenvolve aspectos relativos a Diversidade de Gênero em suas aulas e nem mesmo quais as estratégias são utilizadas para isso. A atenção foi dirigida a expressar especificamente sua percepção de aceitação diante das experiências vivenciadas em seu fazer docente.

Diante das respostas inferidas no segundo questionamento constatou-se que dos docentes participantes da presente pesquisa apenas dois buscam abordagens diretas do tema Diversidade de Gênero. No entanto, mesmo que estes possuam iniciativas em suas ações pedagógicas, ainda percebe-se determinado desconhecimento do tema em questão, como por exemplo, na resposta de D - 5 em que não fica clara a intenção de seu discurso, ou seja, não detectou-se se o mesmo desenvolve a Diversidade de Gênero em suas aulas, tampouco as estratégias utilizadas.

5.3 Interpretações a partir da questão 03

Por fim, a terceira pergunta da entrevista questionava “Você procura por novas práticas pedagógicas ou atividades para desenvolver o tema Diversidade de Gênero? No caso de resposta afirmativa, como”? A questão mencionada é complementar à segunda, no sentido de diagnosticar as estratégias ou práticas nas quais os docentes de Educação Física utilizam em suas atividades escolares para as abordagens relativas à temática.

D - 1 inicia seu relato afirmando que aposta em atividades mistas, assim como em perspectivas de esportes educacionais, pois elas têm como princípio a inclusão e participação de todos os estudantes. O docente destaca que

Ann... é a questão do respeito. Eu tenho uma filosofia, dentro das aulas de Educação Física. Eu costumo colocar isso pros alunos no primeiro dia de aula: que é tratar o outro como gostaria de ser tratado. Então eu, no primeiro dia de aula, sempre eu faço uma pesquisa com... eu digo assim... Ann... Entrevisto cada um, falo, eles falam, no primeiro dia, como gostaria de ser tratado. Eu vou colocando, no quadro, uma palavra de cada um e aí a gente trabalha aquilo – se tu gosta de ser tratado bem, com carinho, com respeito, com dignidade. (D - 1)

No fragmento acima denota-se que uma das estratégias empregadas consiste em verificar as ideias dos estudantes por meio de uma pesquisa em que estes são questionados a respeito de como gostariam de serem tratados pelos demais colegas. As respostas são anotadas no quadro para que todos percebam as opiniões e a partir disso são trabalhadas e refletidas com todo o grupo.

Outra estratégia adotada por D - 1 com os estudantes mais velhos é a realização de trabalhos de pesquisa

[...] onde eles apresentam em Power Point, cartazes Ann... sobre o tema, sobre sexualidade, sobre diversidade de gênero. Então eu faço trabalhos em grupos e, normalmente, em algum grupo, tem algum aluno Annn... Com uma orientação Ann... Diferente da maioria. Então, principalmente, nesses grupos, o trabalho é bem interessante e há um respeito por parte dos outros [...] (D - 1)

O docente acredita que através da elaboração de trabalhos e das apresentações, os estudantes são capazes de expressar-se e de entender as diferenças existentes entre as questões da sexualidade e Diversidade de Gênero. Além disso, por meio desta prática ocorre a interação e a partilha de saberes entre os pares, amparados no respeito, já que D - 1 não separa os grupos por sexo e não faz distinção entre eles nas propostas das atividades escolares. Este docente concluiu seu discurso reafirmando que “[...] o que importa é o respeito sempre, acima de tudo”.

Por meio da resposta de D - 2 denota-se que o docente não faz menção às práticas pedagógicas ou estratégias para o desenvolvimento da temática. O discurso por este proferido encaminha-se inicialmente à descrição das atividades nas quais seus estudantes praticam, conforme o fragmento explicita “[...] os alunos praticam os mais, as mais diversas atividades, eles jogam spirobol, fazem esléquiline... É ... jogam basquete, handebol, vôlei, punhobol”.

Em outra parte do relato o docente faz menção à importância da participação dos estudantes em todas as atividades, pois segundo sua opinião estas

[...] vão promovendo a interação deles. Então, eles vão identificando o que quê eles gostam mais, o que não gostam, mas eles praticam. Até porque as turmas, como são noturno, são mais reduzidas. Então, eu foco bastante na importância deles colaborarem e praticarem todas as atividades, porque eles precisam do grupo, precisam de outras pessoas para jogar, e aí depois é ... praticam as outras atividades de acordo com o planejamento [...] (D - 2)

No final de sua fala D - 2 argumenta que suas propostas de atividades não são de separar os meninos das meninas, pois assim os mesmos podem organizar-se com os colegas que se identificam e possuem maior afinidade, mas que ao final todos interagem nos grupos. Tendo em vista que a Escola é considerada um dos principais espaços formativos que favorecem a consolidação de opiniões e de reflexões, um dos papéis a ela atribuído consiste na tentativa de minimizar a discriminação em vários

contextos sociais. Em relação a trabalhos desenvolvidos com estudantes de ambos os sexos, o estudo realizado por Machado e seus colaboradores (2013) especifica que a oferta de turmas mistas pode promover maior aceitação entre as diversidades, integração, respeito às diferenças e convívio social.

Eles já... assim que eu percebo é... que eles já são bem familiarizados eles se conhecem, eles são de uma... eles são bem unidos, assim, enquanto turma, então têm alunos homossexuais, têm alunos com nome social, inclusive têm alunos que já são beem... eles se aceitam enquanto homossexuais, até por ser do ensino noturno, né, então, eles já... eles já se definem como homossexuais, então, eles, eu creio que não tenha tanto problema em relação à aceitação. Tá, então eles praticam as atividades, os meninos, né, homossexuais, normalmente são mais relacionados com as gurias, então eles se envolvem mais nas atividades com as gurias e os outros... é uma relação beem... bem tranquila, assim, nesse aspecto de aceitação (D - 2).

D - 3 assinala, em seu relato, que com o passar do tempo alguns apelidos maldosos vão se modificando e que novas nomenclaturas vão sendo utilizadas pelos estudantes. D - 3 cita que atualmente os estudantes

[...] se abrem muito mais na sala de aula com a gente. Às vezes eles se declaram em sala de aula e os pais nem sabem, né?! Então, não tem tido muito problema com isso, não tenho que traçar, assim, estratégia pra tocar nesse assunto, porque eles mesmos já chegam falando, já chegam contando, não tem cerimônia. (D - 3)

Pelo fato de que os estudantes tomam a iniciativa em trazer o assunto às aulas, o docente deixa claro que não possui a necessidade de utilizar determinada prática pedagógica ou traçar alguma estratégia para propiciar as abordagens. Logo, percebe-se que o mesmo possibilita abertura de conversações, visto que os estudantes possuem liberdade de expressão. No entanto, necessita-se adotar determinada metodologia, estratégia ou prática pedagógica com a finalidade de assegurar que os estudantes não sintam-se constrangidos e nem forçados e relatem apenas o que desejarem, justamente por ser pessoal e subjetivo. Diálogos provenientes dessa temática devem ser muito bem elaborados, direcionados e embasados para que não tomem caminhos inadequados e acabem por promover desconfortos desnecessários.

Já D - 4 enfatiza e retoma, em sua resposta, as questões pelas quais em determinadas atividades esportivas, prefere separar os estudantes pelo sexo, como por exemplo, no futebol sendo que a justificativa se refere à força e habilidade

superior pela maioria dos meninos. Ao passo que elenca o jogo de Raquete como uma das atividades em que os estudantes de ambos os sexos realizam juntos, ressaltando ainda que, nessa atividade, busca não incentivar a competição.

O docente aponta algumas técnicas empregadas nas suas aulas, tais como circuitos e brincadeiras, mas em nenhum ponto da entrevista foi identificado se e em qual dessas é abordada a temática Diversidade de Gênero. D - 4 sinaliza também algumas dificuldades de organização das propostas e preconceito quanto à opção sexual entre os estudantes, ao ressaltar que

[...] quando se fala em homossexualidade, tanto de menino como de menina, eles demoram assim... Assim, a formar uma ... A participar junto, a se misturar, a querer... a querer estar, né?! Então, é bem ... é bem complicado, é mais por isso até que, às vezes, eu separo até em grupos pra ... Na aula de Educação Física faço um espaço coletivo de alongamento, de atividades, assim, de aquecimento junto, mas a maioria das minhas aulas eu, eu separo em, em grupos, assim, pra poder, pra poder trabalhar melhor [...] (D - 4)

O relato é complementado ao mencionar que

[...] várias vezes eu volto pra sala de aula e converso com eles, não que eu diga, assim, ahh... apontar o fulano e o fulano, mas, ahh... eu percebi. Eu sempre retomo minha aula lá na sala e digo assim: "Óh, gente! Eu percebi, assim, que tão fazendo". Éé... éé... que existe esse preconceito, eu sempre tento falar pra eles. Eu disse: "Nós vamos combinar aqui entre nós, como um grupo, na nossa turma, né?! Essa turma aqui, os seres que tão aqui, temos que conviver até o final do Ensino Fundamental, possivelmente todo mundo junto. Então, nós temos que se respeitar!" Eu tento trabalhar isso, assim, com eles bastante, porque, às vezes, eles extrapolam o limite do respeito, né?! De tuu... de tu deixar o outro na individualidade, né?! Tentar deixar que o outro fique bem não é fácil, né, não é fácil, porque é a fase que eles se cutucam bastante, né, se inticam. (D - 4)

A respeito disso, Nunes (2015, p. 8) menciona que desde muito o preconceito "[...] faz parte da nossa história e seu combate é uma luta permanente que deve ser travada todos os dias nos espaços de convivência e a formação continuada de professoras/es pode ser pensada como um caminho aberto para travar essa luta". Nunes (2015, p. 26) ainda argumenta que dentre os diversos direitos humanos nos quais as leis asseguram, ressalta-se o direito a diferença, já que é este que garante proteção quando "[...] nossas características físicas ou de personalidade são contestadas ou ignoradas, ou ainda, quando são usadas para justificar atitudes e práticas de preconceito, discriminação ou exclusão." Dessa forma, com base no exposto, cabe destacar a essencialidade dos serviços estaduais e da sociedade como

um todo, visto que, estas ações poderão promover transformações no pensamento das pessoas para que assim as desigualdades, a diversidade e o preconceito sejam minimizados.

Em uma das partes da entrevista, D - 4 faz menção à inclusão ao especificar que sempre busca estar atenta/o a este aspecto em suas aulas, pois alguns estudantes possuem especificidades e por este motivo acabam por intimidar-se ou retrair-se, ou seja, D - 4 realça “[...] vou tentando incluir ele numa atividade, às vezes tem diferença também de coordenação motora. Aí então, não se mistura em função disso”.

A temática em voga é evidenciada na fala de D - 4 ao expressar que

[...] a diversidade de gênero ela ... Ela vai se misturando, bem isso, com outros temas, né?! Ela vai no... no decorrer da aula, assim, ela vai se misturando, não é pelo fato de ser menino ou menina, ou ter uma homossexualidade diferente, uma sexualidade diferente, mas é ... depende bastante do professor, exige bastante [...]

Para o docente a Diversidade de Gênero emerge de modo integrado aos demais temas e que as possibilidades de abordagens são decorrentes da postura do professor e formas nas quais o mesmo dialoga com os estudantes.

E tem assim, por exemplo, posso dá um caso assim, tem, às vezes, uma menina muito ann... com a sexualidade muito extrapolada ou um menino, né, que... que tem, que tem muita maldade e ele tem, por vezes, têm uns mais intimidados e é época doo... doo... do bullying, né, da é época de tu tirar o tempo, tirar o sarro, se poder dizer... fazer... é fazer pegação coom... com os colegas, né, a gente vê, sente muito isso na aula de Educação Física, a gente... eu... eu como tenho, eu acredito que eu tenho bastante sensibilidade, assim, dee... de enxergar isso me perturba muito, várias vezes eu tenho que parar, voltar pra sala de aula, ou quando a gente tá na sala de aula falar isso, no geral, como um todo (D - 4).

D - 5 expressa, em seu discurso, que nos raros momentos de conversa, a prática por ele adotada é por meio de diálogos “[...] com outros colegas de participar num próprio, né?! Formação, né?! já sobre esse assunto. Ann ... A gente acaba na aula ... colocando nosso ponto de vista naquilo que a gente acredita, né?!”. Nota-se também que D - 5 não possui uma metodologia propriamente dita para aspectos de desenvolvimento da Diversidade de Gênero, já que o que transparece em seu relato é o cuidado para que os estudantes percebam que a Educação Física é para todos,

sem nenhum tipo de distinção ou limitação. A pretensão do docente esta vinculada a “[...] mostrar que cada um é de um jeito, que cada um faz aquilo que tem vontade de fazer, desde que não prejudique os demais e que não tá prejudicando ninguém”.

Cabe destacar um excerto da fala de D - 5 em que cita

[...] na realidade, assim ó, nunca tive a oportunidade, a oportunidade de parar a aula pra sentar com os alunos e conversar sobre esse tema que tenha sido explorado numa... numa própria situação de aula, mas já conversei, assim, com um e com outro, não em grupo, né?! Quase que individualmente, né?! [...] É, mas assim de sentar e debater o tema não, nem mesmo das escolas que eu já passei, assim, de ter um tempo específico pra se debater isso. (D - 5)

Conforme o exposto, muitas vezes o docente ainda não se sente confortável, seguro ou também limita, mesmo que involuntariamente, as oportunidades para debater determinados assuntos no âmbito escolar, neste caso a Diversidade de Gênero. O estudo realizado por Nunes (2015) aponta alguns destes aspectos ao listar que é notório que a maioria dos docentes ainda não estão preparados para promover conversações a respeito do tema. A pesquisadora salienta que o despreparo não restringe-se aos profissionais da educação, mas também aos jovens que mesmo possuindo maiores conhecimentos ainda o tratam com tabu e receio. Pelos motivos assinalados a “[...] equipe, carente de formação adequada, vê no/a psicólogo/a o/a único/a profissional capaz de trabalhar questões de gênero e sexualidade” (NUNES, 2015, p. 2).

No que tange a construção dos conceitos em torno da sexualidade e Diversidade de Gênero, Nunes (2015, p. 2)

[...] na escola e na sociedade perpassa, visivelmente, pelo binarismo homem/mulher e pelos preconceitos arraigados em nossa cultura. O sexo sempre foi objeto de interesse, discussão e inspiração na cultura ocidental; no entanto, a sexualidade, o gênero e suas variações são preocupações recentes, uma vez que o estudo da sexualidade até o final do século XIX restringia ao campo da biologia.

O fragmento exposto expressa que as discussões e preocupações acerca do tema são recentes e antes quando explorados detinham-se ao componente curricular de Biologia. Acredita-se que este aspecto somado aos demais elencados tenha contribuído, de alguma forma, para o desconhecimento e despreparo dos professores, assim como nas limitações de espaços que proporcionem conversas e reflexões da sexualidade como um todo.

6 PRODUTO EDUCACIONAL

Por se tratar de um curso de mestrado profissional, na área de Ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) este se diferencia dos cursos de mestrado acadêmico no que se refere especialmente em dois requisitos básicos:

01) responder à formação de profissionais participantes, como docentes e/ou demais profissionais do Ensino, principalmente à qualificação dos que atuam na Educação Básica, através de cursos/atividades de formação continuada e ao final a produção de um produto educacional;

02) ocupa-se também com o aumento e a manutenção dos vínculos entre (Educação Básica e a Educação Superior) especialmente, direcionando às suas produções para as áreas de atuação dos mestrandos.

Conforme destaca Moreira (2004), no artigo “O mestrado (profissional) em ensino” que os primeiros mestrados profissionais na área da educação e ensino remontam de 2001, e necessitam conter estas características:

[...] o trabalho final deve ser uma pesquisa aplicada, descrevendo o desenvolvimento de processos ou produtos de natureza educacional, visando à melhoria do ensino na área específica, sugerindo-se fortemente que, em forma e conteúdo, este trabalho se constitua em material que possa ser utilizado por outros profissionais (p. 134).

Em 2009, o Ministério da Educação, através da portaria normativa nº 7, estabeleceu como devem ser os trabalhos de conclusão dos cursos de Mestrados Profissionais:

poderá ser apresentado em diferentes formatos, tais como dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, patente, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas; desenvolvimento de aplicativos, de materiais didáticos e instrucionais e de produtos, processos e técnicas; produção de programas de mídia, editoria, composições, concertos, relatórios finais de pesquisa, softwares, estudos de caso, relatório técnico com regras de sigilo, manual de operação técnica, protocolo experimental ou de aplicação em serviços, proposta de intervenção em procedimentos clínicos ou de serviço pertinente, projeto de aplicação ou adequação tecnológica, protótipos para desenvolvimento ou produção de instrumentos, equipamentos e kits, projetos de inovação tecnológica, produção artística; sem prejuízo de outros formatos, de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, desde que previamente propostos e aprovados pela CAPES (DOU, 23/06/2009).

O Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação CAVG/IFSUL, por meio do seu regimento, prevê, para obtenção do título de mestre,

como requisito, que sejam associadas à produção do conhecimento, através da dissertação e, a produção educacional, devendo o/a mestrando/a elaborar um produto educacional.

Face ao exposto, o Glossário, como produto final é rico e pródigo num assunto de tamanha relevância como o tema em tela, formatando um produto educacional de grande valia para futuros estudos no âmbito da educação relacionado ao tema da 'diversidade de gênero'.

Segundo BIDERMAN (1984), esta define glossário como sendo:

Pequeno vocabulário, ou relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê. Modernamente são comuns os glossários de linguagem técnica (BIDERMAN, M.T.C. — Glossário. Alfa, São Paulo, 28(supl.):135-144, 1984).

O Glossário que aqui apresento, foi escolhido como o produto educacional, sendo um requisito previsto para obtenção do título de mestre. O referido trabalho faz parte da conclusão da minha dissertação, e este é fundamental para explicar os conceitos e significados das palavras relativas ao que se refere à diversidade de gênero, aos leitores.

O glossário é um recurso pós-textual, porém não é obrigatório nos estudos de conclusão de cursos, no entanto pode ser inserido em qualquer trabalho acadêmico a fim de facilitar a compreensão de determinados termos, conceitos e significados.

Segundo (KRIEGER e FINATTO, p.13, 2004) estes afirmam que 'ao lado de fundamentos teóricos há sempre uma dimensão aplicada da terminologia e isso reflete na produção de glossários e outras ferramentas de organização das mesmas'.

Ainda conforme (KRIEGER e FINATTO, p. 51, 2004) o glossário pode ser definido como um "repertório de unidades lexicais de uma especialidade com suas respectivas definições ou outras especificações sobre seus sentidos". Neste trabalho especificamente o glossário trará uma infinidade de conceitos e significados sobre diversidade de gênero e suas diversas variações e terminologias.

7 CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES FINAIS

Existem lugares, falas, gestos, profissões, atividades, sentimentos que são ditos como sendo coisa de mulher e não de homem. Da mesma forma que tem linguagens, espaços, moda, direitos, ofícios que dizem que não são para héteros e sim para gays. Também direitos e políticas podem ser somente para alguns e não para outros, assim como, somente determinados sujeitos, terão acesso aos serviços de saúde e outros recursos e privilégios sociais. Não apenas os marcadores simbólicos fazem o processo de diferenciação, mas também os materiais e sociais. Precisáramos voltar nosso olhar para os processos históricos, políticos, econômicos e culturais, como educadoras/es que somos, os quais possibilitaram que uma certa identidade fosse entendida como a legítima e não a problemática e, as outras como diferentes ou desviantes.

Assim, a presente dissertação tratou de um assunto extremamente flamante nos dias de hoje, e como tal, trouxe à luz um tema sensível para a sociedade como um todo, e à esfera educacional em particular. A ideia de aprofundamento e investigação deste assunto, remonta da minha experiência à frente de projetos associados às questões da diversidade de gênero, na Educação Física, enquanto desempenhei minha função de Assessora de Esporte Educacional na 5ª CRE. Durante esse período percebi várias ações que apontavam a riqueza de um campo fértil, para pesquisar os comportamentos dos docentes, durante as práticas pedagógicas, e que envolviam questões relacionadas à temática da diversidade de gênero entre os estudantes.

Tratei do problema de pesquisa sob a ótica das interpretações das entrevistas dadas pelos docentes, que foram os sujeitos da pesquisa, a qual me apontou, através das respostas dadas pelas/os professoras/es, a partir do momento em que preciso responder sobre: “o que dizem os docentes do componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental sobre suas práticas pedagógicas em relação à diversidade de gênero”? Desta forma, e a partir das interpretações das entrevistas, obtive através das respostas dos sujeitos que: às vezes, alguns fazem uma confusão no que se refere ao entendimento e mesmo a diferenciação entre os termos relativos às questões da diversidade de gênero. Também é perceptível, em certos momentos das falas das/os entrevistadas/os, uma espécie de fuga ou até mesmo um tratamento

superficial dado em relação ao trato das demandas que envolviam as questões de gênero na escola, por parte de alguns sujeitos desta pesquisa.

Alcansei o objetivo geral proposto nesta pesquisa, a partir do momento que – “compreendi como os docentes desenvolvem suas práticas pedagógicas no componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental - em relação à diversidade de gênero”, pois os sujeitos desta pesquisa relatam e esclarecem de forma sucinta (algumas/ns) mais e (outras/os) menos ou de um modo mais superficial, porém no geral as/os professoras/es conseguiram se expressar através das entrevistas, levando-se em conta as explicações dadas no momento que responderam as 03 (três) perguntas realizadas.

Quanto aos objetivos específicos, de verificar através das falas registradas nas entrevistas, o que expressam os docentes do componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental - sobre a diversidade de gênero nas suas práticas pedagógicas; sondar através das declarações dos docentes, feitas nas entrevistas, de que forma abordam a temática e identificar, por intermédio dos relatos dos docentes, se estes buscam por novas práticas pedagógicas que perpassem o tema diversidade de gênero como estratégia a ser usada nas aulas de Educação Física; Percebi que todos os objetivos foram contemplados à medida que as investigações feitas apontavam que os depoimentos dos entrevistados, de uma forma geral, são extremamente genuínos e demonstraram, de certa maneira, transparência quanto ao pensamento e o modo de abordagem que foi dada por cada um dos docentes, durante suas práticas pedagógicas, expressadas por estas/es através das entrevistas realizadas, sendo elas feitas de forma semiestruturada.

Reitero que consegui visualizar e alcançar, claramente, o objetivo geral e os objetivos específicos, a partir das interpretações das respostas das/os entrevistadas/os, visto que me serviram como diretrizes, que nortearam esta pesquisa e enriqueceram o processo, dando credibilidade e apontando caminhos sedimentados para futuros trabalhos sobre as questões de gênero.

A culminância desta pesquisa se deu com a elaboração de um produto educacional adequado em forma de “Glossário”, pois a partir das interpretações das entrevistas percebi muitas confusões por parte das/os entrevistadas/os no que se refere, por exemplo, aos conceitos e diferenciações de termos, até mesmo os mais usuais, relacionados às questões da diversidade de gênero. A minha intenção é a de que este “Glossário” possa contribuir na formação atual bem como futura dos

docentes, no que tange o trato do tema sobre “diversidade de gênero” e que estas/es o façam com mais conforto e segurança.

O “Glossário” que aqui está apresentado dá voz ao meu Produto Educacional, requisito para obtenção do grau de Mestre e que por si só fundamenta e incentiva ao entendimento de termos e conceitos relacionados à diversidade de gênero, mas acima de tudo é uma percepção em forma de palavras, de dizer que diversidade de gênero não diferencia as pessoas e sim aproxima.

A partir das entrevistas, as quais deram origem à metodologia que empreendi para fazer o estudo das falas dos cinco entrevistados, eu fiz uma análise de cunho qualitativo, cuja investigação permitiu examinar as variáveis intrínsecas captadas e interpretadas a partir de cada sujeito, sendo que estes trazem uma bagagem com suas vivências profissionais e práticas, e de suas experiências no campo em que atuam.

Alguns docentes falaram um pouco mais, outros menos, mas a partir das interpretações das falas de todos é perceptível, em uns momentos, certas confusões e contradições, até mesmo por vezes ficam evidenciadas nos relatos, que nem sempre são abordadas, bem como esclarecidos para os estudantes, todos os anseios, demandas e dúvidas que surgem, durante as práticas pedagógicas. Percebi que quando os docentes não fazem essas abordagens ou esclarecimentos é por não terem domínio ou terem pouco conhecimento referente à temática das questões que envolvem a diversidade de gênero.

Por ter um caráter exploratório esta pesquisa me deu respostas que enaltecem as percepções de esclarecimento de ideias, opiniões e entendimentos sobre o tema relativo à diversidade de gênero.

Uma vez desenvolvido o problema de investigação, que reporta “ao que dizem os docentes do componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental - sobre suas práticas pedagógicas no que se refere à temática da diversidade de gênero”, esta pesquisa se justifica plenamente, pois propõe novas práticas, refutando condutas heteronormativas e sexistas, principalmente em atividades físicas, que exploram o corpo, os gestos, as atitudes e os comportamentos, que refletem significados culturais atrelados às masculinidades e feminilidades.

As formas com que as escolas têm lidado com as questões de gênero devem ser analisadas, e talvez seja suficiente afirmar, para alguns, que diferentes sujeitos e grupos distintos, convivem no âmbito das atuais sociedades e, que seus saberes,

seus comportamentos e, sua ética devem ser respeitadas e fazem parte desse contexto. Essa forma de enfrentar tal questão não diz muito sobre os choques e os debates que integram e seguem tal multiplicidade cultural.

Na perspectiva da heteronormatividade e, de forma muito expressiva, é que o campo da Educação atua, isto é, dentro da norma heterossexual, deixando subentendido que todo mundo é, ou deveria ser, hetero. Ao assumirmos que esta seria a forma “natural” de sexualidade, esquecemos de que todas as outras formas de viver as suas opções sexuais são construídas, aprendidas e controladas ao longo da vida.

A Escola é um modelo de instituição que expressa como uma caixa de ressonância, a cultura do meio em que vivemos e principalmente o estereótipo dos conceitos agregados no coletivo da sociedade. Este pensar ao longo dos séculos estabeleceu regras e comportamentos advindos de um pensamento obtuso, onde se estabeleceu um processo de identificação que separava a humanidade em apenas dois gêneros: masculino e feminino. Assim, não havia espaço para que diferentes comportamentos sociais de sexualidade pudessem ser expressados. Existia uma forma velada de dizer que Homem é Homem e Mulher é Mulher, o primeiro joga bola e a segunda brinca de boneca.

Desta forma, ao longo dos séculos, seja por razões da cultura ou da própria ascendência da religião, a escola aprimorou esta premissa e incorporou o espírito de dualidade e incentivou esta separação, inclusive criando educandários específicos para homens e mulheres, para dar vazão a esta propriedade social.

Com a evolução da humanidade, principalmente norteadas pelos movimentos minoritários e de direitos humanos, foi possível se rever este comportamento estrutural e novos horizontes surgiram, possibilitando que cada indivíduo pudesse ocupar seu espaço de forma pública, adentrando ao convívio dos diferentes gêneros, compartilhando, igualmente, de todas as formas de expressão, independente de suas opções sexuais.

Face ao exposto, o papel da escola torna-se cada vez mais importante no sentido de prover e oferecer ambientes saudáveis para o convívio de todos num universo sem preconceitos e sectário. A escola é a porta de entrada e saída para uma sociedade mais justa.

É muito importante que sejam combatidas e explicitadas todas as formas de exclusão no interior das escolas, sendo que, às vezes, estas são tão sutis e quase

imperceptíveis, e as questões relativas à sexualidade devem ser trabalhadas no contexto escolar. Da mesma forma devemos enfatizar o compromisso social, o senso crítico e a criatividade, sendo estes, considerados como fundamentais, no processo de elaboração e implementação de estratégias de intervenção que promovam a autonomia dos sujeitos envolvidos nos processos educativos.

Diante disso, é de fundamental importância que a escola faça uma constante leitura dos processos que visem à atualização das discussões que cercam este assunto, ainda que muito avançado, mas que promovem separatismo por uma parcela significativa de pessoas.

A homofobia e o rótulo precisam ser extintos radicalmente, e este objetivo passa muito pela escola, pois constitui-se de um universo paralelo da sociedade dentro de uma estrutura física que empresta suas instalações para diferentes pessoas exercerem suas funções, trazendo cada uma delas experiências distintas. Estas experiências não podem ser distintas do coletivo, não pode haver pensamentos nem atitudes que revelem contrariedade ao processo de integração de todos, independente de opções, gênero e sexualidade. Para obter êxito nesta contextualização deve-se exigir das escolas posturas afirmativas com ações proativas na busca das melhores soluções e boas práticas.

Cabe ao Estado monitorar tais ações e proporcionar meios que incentivem estas práticas e aos educadores cumprirem seu papel social e disponibilizar todos os esforços para dirimir diferenças. Não há mais lugar para o estabelecimento de grupos identificados pelo gênero, como se fossem pessoas alheias ao universo comum. É importante que tenhamos sempre um olhar crítico aos acontecimentos, sem que isto reflita como apologia ao desmedido incentivo do certo e do errado, somos absolutamente iguais em direitos e deveres, e é dentro desta lógica, que a escola tem que pautar seu papel social, oferecendo as mesmas oportunidades a todos e regendo as diferenças de forma democrática e autônoma.

Como toda conclusão de um processo pedagógico investigativo requer como pressuposto básico que se traga à luz da análise final, nosso problema de pesquisa, para que exista clareza e objetividade no desenvolvimento do raciocínio firmado. Esta condição remete ao que me propus pesquisar, da mesma forma que respondo o problema de pesquisa, baseado nos fatos, nas interpretações e nos dados extraídos quando das entrevistas dos sujeitos envolvidos.

Assim, é inerente ao meu trabalho ir ao encontro da proposta: “O que dizem os docentes do componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental - sobre suas práticas pedagógicas no que se refere à temática da diversidade de gênero”? Não apenas com espírito de curiosidade, mas sim com a propositura de entender seus comportamentos, atitudes, reações e, acima de tudo, qual sua disposição em reverter algum quadro antagônico, caso se faça presente nas suas práticas em relação ao tema que explorei.

Frente a isso, meus questionamentos são fortes e consistentes, ancorados em bibliografias e estudos que me permitiram traçá-los sem empirismo, mas sim a partir de uma forma holística do problema, de modo a entendê-lo objetivamente, ou seja, compreender as práticas dos docentes do componente de Educação Física - anos finais do Ensino Fundamental em relação à temática da diversidade de gênero.

Os objetivos apresentados nesta pesquisa, tanto geral como os específicos sintetizam a presença e a forma estrutural de que é preciso atuarmos intensamente na busca das respostas e soluções dos questionamentos abordados e que sustentam este trabalho.

Portanto, entendo que está na escola, na docência e na educação formal ou não, a responsabilidade de tratarmos essas inquietações, está em nós, na sociedade como um todo, de modo que devemos unir forças e tomarmos a frente dessa temática, para escrevermos sempre um novo capítulo, de forma estrutural e que contemple as questões da diversidade, não só a de gênero, mas de todas as demais.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, V. U. **Gênero e esporte: quebrando tabus nas aulas de educação física.** Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Universidade Federal do Paraná, 2016.
- ARROYO, M. G. **Políticas educacionais, igualdade e diferenças.** RBPAAE – v.27, n.1, p. 83-94, jan./abr. 2011.
- BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, B. **Na escola se aprende que a diferença faz diferença.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.
- BIDERMAN, M.T.C. — Glossário. Alfa, São Paulo, 28(supl.):135-144, 1984.
- BRASIL. Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB.** 9394/1996. BRASIL.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal. **Portaria Normativa No - 7, de 23 de junho de 2009.** Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/port_mestrado_profissional1.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2017.
- BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação Física / Secretaria de Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998a. Acesso em: 09 mar. 2021.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BRITZMAN, Deborah. **O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo.** Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, vol. 21, n. 1, jan./jun. 1996.
- CAMPOS, L. M. L. **Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas.** Ciência e Educação, v. 21, n. 4, p. 1-4, 2015.
- CASTRO, R. P. de. **Escritas-narrativas de estudantes problematizando relações de gênero e sexualidades.** 36ª Reunião Nacional da ANPEd, Goiânia-GO, 29 de setembro a 02 de outubro de 2013.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar.** Revista de Educação Física Motriz, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 116-131, jan./mar, 2009.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **Introdução:** a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S (Orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa:** Teorias e abordagens. Tradução Sandra Regina Nertz. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, P. **Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica.** In: Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, p. 40, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_da_Indign%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 02 de abril de 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Diversidade.** 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, p. 26, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido,** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 31, 1987.

GEHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa.** Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, A. **Sociologia.** Porto Alegre: ARTIMED, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HENTGES, A.; MORAES, M. L. BRENNER de; BATALHA, E. R. de C. **A formação continuada e os mestrados profissionais na área do ensino:** a pertinência dos produtos educacionais. EDUCA – Revista Multidisciplinar em Educação, Porto Velho, v. 6, nº 14, p. 23-36, abr./jun., 2019.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília, 2012.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LOURO, G. L. **Educação e docência:** diversidade, gênero e sexualidade. Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente, Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p.62-70, jan./jul. 2011.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46, p. 201-218, dez, 2007.

MACHADO, F. R. I. et al. **Educação Física escolar e a separação por gênero**: reflexões a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. EFDeportes.com, Revista Digital, n. 184, Buenos Aires, 2013.

MADUREIRA, A. F. do A.; BRANCO, A. Uchoa. **Gênero, Sexualidade e Diversidade na Escola a partir da perspectiva de Professores/as**. Trends in Psychology / Temas em Psicologia, Brasília, v. 23, n. 03, p. 577-591, 2015.

MELO, V. E. **Diversidade sexual e igualdade de gênero na escola**: reflexões das práticas pedagógicas da Escola Municipal Creusa de Freitas Cavalcanti da rede pública Municipal do Recife-PE. Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, v. 3, n. 2, p. 240-255, 2016.

MENEZES, E.; SILVA, E. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 3.ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

MESQUITA F., M.; EUFRASIO, C.; BATISTA, M. A. **Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos**. Revista Saúde Soc. São Paulo , v. 20, n. 3, p. 554-567. Setembro. 2011.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2017. –(Série Cadernos da Diversidade;6.)

MONTEIRO, S. A. de S., & Ribeiro, P. R. M. (2020). **Sexualidade e Gênero na atual BNCC**: possibilidades e limites. Pesquisa E Ensino, 1, e202011. Disponível em: <https://doi.org/10.37853/pqe.e202011>. Acesso em: 09 mar. 2021.

MOREIRA, M. A. **O mestrado (profissional) em ensino**. Revista Brasileira de Pós-Graduação (RBPG), n. 01, p. 134, 2004.

NUNES, E. M. **Gênero e Diversidade na Escola**: limites e possibilidades na formação de professores/as. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2015.

PALMA, Yáskara Arrial et al . Parâmetros curriculares nacionais: um estudo sobre orientação sexual, gênero e escola no Brasil. Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 23, n. 3, p. 727-738, set. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 ago. 2021. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-16>.

PEREIRA, S. A. M.; MOURÃO, L. **Identificações de gênero**: jogando e brincando em universos divididos. Revista de Educação Física Motriz, Rio Claro. v. 11, n. 3, p.205-210, set./dez, 2005.

RIOS, V. S.; SOUSA, N. S; RODRIGUES, A. C. **Diversidade e identidade de gênero**: uma abordagem necessária no cotidiano escolar. Revista Cadernos de Estudos e Pesquisas na Educação Básica, v. 2 , n. 1 , p. 73-91, 2016.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.

<https://www.deolhonosplanos.org.br> /<Acesso em: 09 mar. 2021>

<https://www.significados.com.br/diversidade/><Acesso em: 15 jun. 2019>

APÊNDICES

Apêndices

01 Questionário (modelo) aplicado na formação de 03 de julho de 2018;



AVALIAÇÃO

Evento: QUESTÕES DA DIVERSIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Pensando em analisar a execução das próximas formações a Assessoria de Esporte Educacional da 5ª Coordenadoria Regional de Educação elaborou este instrumento para que possam ser corrigidas eventuais dificuldades, bem como incorporadas eventuais sugestões para as próximas etapas.

Pela colaboração desde já agradecemos!

O que você entende inicialmente sobre a temática Diversidade de Gênero? Esta questão deve ser respondida no início da formação.

Como você aborda/trabalha, em suas práticas na disciplina de Educação Física questões onde envolvam a temática sobre Diversidade de Gênero? Esta questão deve ser respondida no início da formação.

Condições e estruturas do local onde foi realizada a formação:

() Muito boa () Boa () Regular () Ruim

Principais dificuldades encontradas para participar da mesma:

Organização geral

() Muito boa () Boa () Regular () Ruim

Palestrantes:

Manhã () Muito bom () Bom () Regular () Ruim

Tarde () Muito bom () Bom () Regular () Ruim

Após a sua participação na formação, qual seu entendimento sobre a temática Diversidade de Gênero? Responda a questão no final da formação.

Após a sua participação na formação, você vê novas possibilidades para abordar/trabalhar em suas práticas na disciplina de Educação Física questões onde envolvam a temática sobre Diversidade de Gênero? Responda a questão no final da formação.

Observações/sugestões de outras temáticas para as formações futuras:

ESCOLA/INSTITUIÇÃO:

02 Fotos/imagens da formação de 03 de julho de 2018;







03 Divulgação que fiz nas redes sociais da formação de 03 de julho de 2018;

**GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO**

**SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
5ª CRE – PELOTAS**

FORMAÇÃO CONTINUADA

Questões da Diversidade de Gênero na Educação Física

Cronograma das atividades

Data: 03/07/2018
Local: ESEF/UFPEL
Rua Luís de Camões, 625.
Três Vendas. Pelotas/RS.

Público-alvo: Professores de Educação Física da rede pública de ensino e acadêmicos de Educação Física.

Realização:
- Assessoria de Esporte Educacional 5ª CRE
- IFSUL Pelotas
- Escola Superior de Educação Física da UFPEL.

8h às 12h
Professor Ms. Leonardo Vieira
Diversidade de Gênero (parte teórica)

- Conceito de gênero
- Gênero na perspectiva pós-estruturalista e pós-crítica
- Teoria *Queer*
- Identidade e diversidade de gênero

13h30min às 18h
Professor Dr. Adriano José Rosseto Júnior
A Diversidade de Gênero na metodologia do sistema PROTEGE (parte prática)

- Diversidade de Gênero na Educação Física
- Princípios pedagógicos das aulas de Educação Física
- Instrumento didático: PROTEGE
- Inclusão, ensino e aprendizagem dos diferentes gêneros

Inscrições:
<http://certificados.educacao.rs.gov.br/Inscricao.aspx>

04 Link enviado por e-mail e pelo WhatsApp dos docentes para que estes pudessem agendar o dia e horário da entrevista;

<https://calendly.com/marcellefabiane/entrevista-mestrado-prof-fabiane-leite?month=2021-02>

Fabiane Antunes Leite

TRABALHO CONCLUSÃO MESTRADO PROF^a FABIANE LEITE

🕒 1h

📍 Entrar em contato para definirmos o local da entrevista

Olá colegas:

Dando continuidade a minha pesquisa de mestrado, preciso da colaboração de vocês para responderem 03 questões. Os sujeitos desta pesquisa são os professores de Educação Física das escolas estaduais da cidade de Pelotas que se fizeram presentes na formação continuada realizada em 03/07/18 na ESEF, cujo tema foi: QUESTÕES DA DIVERSIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA. Desta forma preciso agendar uma entrevista, sendo que a data, local e horário será previamente definida por cada um no momento que preencher os campos do formulário a seguir.

No campo: Por favor, compartilhe qualquer coisa que possa ser útil para a preparação da nossa reunião (solicito que escrevam neste campo o melhor local para a realização da entrevista). Desde já, agradeço.

Escolha uma data e horário

dezembro 2019

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
Sem horários em Dezembro						
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

🕒 Horário de Brasília (9:66pm)

DESENVOLVIDO POR
Calendly

05 Algumas fotos/imagens feitas com os docentes que participaram da entrevista e autorizaram a publicação destas;









LINK DO PRODUTO EDUCACIONAL – Glossário: Diversidade de Gênero e Principais Expressões Relacionadas;

https://drive.google.com/file/d/1X_FgAXuv8bLWLxJRwLkf69RjYPzp-7f/view?usp=sharing

ANEXOS

01 Divulgação do evento no site da Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul/ SEDUC - formação de 03 de julho 2018;

www.educacao.rs.gov.br/diversidade-de-genero-na-educacao-fisica-e-tema-de-formacao-continuada-em-pelotas#XPNRm8iSLhc.email

Diversidade de Gênero na Educação Física é tema de Formação Continuada em Pelotas

Publicação: 28/06/2018 às 09:05min

Bateria acadêmica 3 - Foto: divulgação

POR SEDUC

A Assessoria de Esportes Educacionais da DP Coordenadora Regional de Educação (CRE) realiza a Formação Continuada Quater de Diversidade de Gênero na Educação Física. O evento ocorrerá no dia 3 de julho na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) na Rua Luis de Camêdas, 655, Bairro Três Landas.

O evento terá como palestrantes os professores Leonardo Vieira, orientador educacional na Escola Castro Alves (Pelotas), e Adriano José Rosseto, do Instituto Esportes e Educação (ISEE-Porto).

A certificação é de oito horas. Para se inscrever basta clicar aqui e preencher a ficha.

19/06/2019 - 16h56min
Educação lança 1º concurso de Aplicativos e Games para escolas públicas estaduais

19/06/2019 - 16h56min
Encontro debate Direitos Humanos na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

17/06/2019 - 17h07min
Inscrições para Ginástica Movimento PD estão abertas e seguem até 12 de julho

Mais Notícias

SERVIÇOS

- Inscrições para cursos técnicos até 28 de junho
- Contratos temporários
- Calendário Escolar de 2019

Mais Serviços

REDES SOCIAIS

LoginCidadão

www.educacao.rs.gov.br/upload/recortes/201806/22181242_271586_GDO.jpg

03:35 22/06/2019



POR – SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL/SEDUC

A Assessoria de Esporte Educacional da 5ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) realiza a Formação Continuada Questões da Diversidade de Gênero na Educação Física. O evento ocorrerá no dia 3 de julho na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), na Rua Luís de Camões, 625, Bairro Três Vendas.

O evento terá como palestrantes os professores Leonardo Vieira, orientador educacional na Escola Castro Alves (Pelotas), e Adriano José Rosseto, do Instituto Esporte e Educação (São Paulo).

A certificação é de oito horas. Para se inscrever, basta clicar [aqui](#) e preencher a ficha.

02 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

APÊNDICE ___ - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

() Questionário () Entrevista

Prezado (a) participante,

Meu nome é **Zilda Fabiane Antunes Leite**, sou estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense, Câmpus Visconde da Graça (CAVG).

Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da Profª Drª Angelita Hentges (PPGCITED/IFSUL-CAVG), cujo **objetivo geral** é: Compreender as práticas dos/as docentes em relação à Diversidade de Gênero. Os **objetivos específicos** são: Verificar através dos depoimentos registrados em um questionário realizado no curso de formação já ministrado, o que pensam os/as docentes sobre a diversidade de gênero na prática pedagógica; rastrear, através dos depoimentos escritos e orais dos/as docentes qual a abordagem dada à referida temática. Para tanto já foi utilizado como ferramenta de coleta dos dados primários um questionário estruturado (**aplicado aos professores que participaram da formação ocorrida em 03/07/18**), e posteriormente na (1ª quinzena de dezembro de 2019) será feito um roteiro de entrevista semiestruturada (**aplicado aos professores que participaram da formação ocorrida em 03/07/18**).

Os riscos desses procedimentos serão mínimos, por envolver indivíduos com autonomia plena, não havendo possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral ou intelectual dos entrevistados porque eles irão discorrer sobre o tema "Diversidade de Gênero", sendo que serão respeitados todos os preceitos estabelecidos na Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, visando a manter o sigilo e a privacidade dos participantes em todas as fases da pesquisa e que a gravação dos relatos, no caso das entrevistas, será descartada logo após a conclusão da análise das informações apresentadas. Também cabe esclarecer que o participante pode se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, sem qualquer tipo de constrangimento.

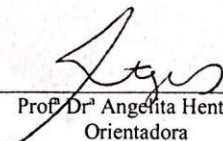
Os benefícios da sua contribuição com esta pesquisa poderão ser observados nas informações que serão geradas após a conclusão desta, tendo como propósito de compreender a praxis dos/as docentes em relação à Diversidade de Gênero, bem como propor alternativas que possibilitem a qualificação das suas práticas pedagógicas.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção da dissertação de mestrado e de artigos técnicos e científicos. Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas no e-mail marcellefabiane@gmail.com ou pelo telefone (53) 99964.0310.

Agradecemos a sua participação.


 Zilda Fabiane Antunes Leite
 Mestranda


 Profª Drª Angelita Hentges
 Orientadora
 Profª Drª Angelita Hentges
 CAVG - IFSul

Eu, _____ CPF nº _____ declaro ter sido informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa descrito anteriormente e, que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Assinatura _____

Data: ____/____/____

03 Transcrições das falas dos entrevistados:

Para tanto, com a finalidade de atender aos objetivos estabelecidos desta pesquisa, elaborou-se um instrumento de coleta de dados composto por três perguntas, sendo estas:

01) O que você entende por diversidade de gênero?

02) Você trabalha com o tema diversidade de gênero nas aulas de Educação Física? Caso afirmativo, quais as estratégias usadas?

03) Você procura por novas práticas pedagógicas ou atividades para desenvolver o tema diversidade de gênero? No caso de resposta afirmativa, como?

D - 1

1ª resposta

R. Então, diversidade de gênero (annn...) a identidade de gênero é como a pessoa se vê, como a pessoa se enxerga, é uma construção social do masculino e feminino (annn)... a diversidade eu compreendo como uma ann..., uma escolha da pessoa, tipo, a pessoa nasce com o sexo diferente daquilo que ela se sente, né?

Eu tenho, na minha turma, meninos éé... registrados e nascidos com uma genitália masculina e eles são umas meninas. Eu tenho o Bruno, ele é uma menina, ele é uma menina e ele quer, aos 18 anos, ele diz que ele vai ser gay, então, ele é uma menina que nasceu com um pênis.

Então, pra mim, diversidade de gênero é isso, é as pessoas que têm essa possibilidade, essa vontade de assumir ann... a sua sexualidade e o que precisa pra isso, penso que a gente compreender e respeitar, enfim..."

2ª resposta

R. Então, não tem como não trabalhar diversidade de gênero, né? Uma vez que a gente ann... em todos os níveis de escolaridade a gente recebe - esse menino que eu falei, ele está no 4º ano - ele me disse isso no 2º. No 2ª ele foi meu aluno e ele chegou e falou que aos 18 anos ele vai ser gay, isso é uma informação da família, eu penso que aí, aos 18 anos tu podes fazer o que tu queres, né?

3ª resposta

R. Então, eu já respondi no momento em que eu te disse que eu trabalho com meninos e meninas junto, né, e também eu trabalho na perspectiva do esporte educacional, onde ele tem como princípio inclusão de todos, a participação de todos. Ann... é a questão do respeito. Eu tenho uma filosofia, dentro das aulas de Educação Física, eu costumo colocar isso pros alunos no primeiro dia de aula, que é tratar o outro como gostaria de ser tratado, então eu, no primeiro dia de aula, sempre eu faço uma pesquisa com... eu digo assim ann... entrevisto cada um, falo, eles falam, no primeiro dia, como gostaria de ser tratado. Eu vou colocando, no quadro, uma palavra de cada um e aí a gente trabalha aquilo – se tu gosta de ser tratado bem, com carinho, com respeito, com dignidade, é assim que tu tem que trabalhar, tu tem que tratar o outro, então ann... eu penso que essa é uma estratégia interessante e a outra é com os maiores, eu faço trabalhos de... com eles, de pesquisa, onde eles apresentam em Power point, cartazes ann... sobre o tema, sobre sexualidade, sobre diversidade de gênero, então eu ‘tra’, eu faço trabalhos em grupos e, normalmente, em algum grupo, tem algum aluno ann... com uma orientação ann... diferente da maioria. Então, principalmente, nesses grupos, o trabalho é bem interessante e há um respeito por parte dos outros, nas turmas ann... quando das..., das apresentações dos trabalhos, é, é bem interessante. Essa, essa, essa forma de trabalho também... e... e... eu acho que é isso.

Ann...como eu trabalho? Eu trabalho com respeito, eu trabalho como tratar o outro, como gostaria de ser tratado, eu, eu penso que se houver respeito por todas as pessoas, o que importa é o ser humano, é a pessoa, independente da opção, da escolha que ele tem ann... sexual. Eu trabalho sempre com meninos e meninas, eu não faço distinção entre sexo nas minhas atividades também eu... o que importa é o respeito sempre, acima de tudo.

D - 21ª resposta

R. Diversidade de gênero é... são as diferentes condições, as diferentes formas que as pessoas se manifestam, então, têm questões relacionadas com a sexualidade, com aaa ... os gostos, com as preferências, então, isso tudo inclui as diferenças de gênero do masculino e do feminino, não propriamente praaa ... pro

sexo biológico do homem e da mulher, mas, mais voltado para gostos e o que as pessoas realmente sentem, mais prazer em fazer e de se manifestar .

2ª resposta

R. Eu trabalho com a diversidade de gênero, tenho alunos que são homossexuais e têm meninas muito delicadas e meninos mais, que gostam mais de coisas radicais, de usar a força, de explorar todo seu potencial, especialmente nas EJAs, que têm maior diferença de idade e de vivências entre eles. As estratégias que eu uso são de adaptação das regras, então eles jogam, eles praticam as aulas juntos, eles fazem as atividades, e aí eu vou coordenando as regras, adaptando de forma que eles consigam jogar, de maneira que todos possam ter sucesso na atividade e com o passar das aulas. Assim, eles mesmos começam a fazer essas adaptações, eles mesmos começam a colocar as regras e isso é um resultado muito legal, porque é bem visível, assim eles começam a pensar no todo, como é que todo mundo vai se sentir incluído naquela aula, naquela atividade, então eles começam a ter essa visão, essa consciência de que todo mundo precisa participar, e todo mundo precisa ter chance de ganhar no jogo.

A maioria das aulas são juntas, assim, eles praticam juntos, os meninos e as meninas, ta... às vezes eu faço alguma atividade diferente, de acordo com o que eles vêm solicitando também, né, praaa... como são os alunos do noturno, são maiores, então eu dou um espaço também para eles pensarem o que fazer nas aulas, o que quê eles têm vontade de aprender, então, às vezes, eu divido, posso fazer duas atividades, mas não é separado por menino e menina, são duas propostas diferentes na mesma aula, que eles optam por fazer uma, depois a outra e aí depois troca e faz o vivência diferente.

3ª resposta

R. Novas práticas e novas atividades eu procuro sempre, assim, então, os alunos praticam os mais, as mais diversas atividades, eles jogam spirobol, fazem esléquiline, ééé... jogam basquete, handebol, vôlei, punhobol, então todas essas atividades vão promovendo a... a interação deles, então eles vão identificando o que quê eles gostam mais, o que não gostam, mas eles praticam, até porque as turmas, como são noturno, as turmas são mais reduzidas, então eu foco bastante na importância deles colaborarem e praticarem todas as atividades, porque eles

precisam do grupo, precisam de outras pessoas para jogar, e aí depois ééé ... praticam as outras atividades de acordo com o planejamento, mas novas práticas eu procuro sempre trazer pras aulas e proporcionar uma cultura corporal, umaaa ... ampliar essa cultura corporal que eles têm e eles adoram, assim eles jogam com muita vontade com muito respeito aos colegas, respeito à professora, então eles valorizam bastante essa diversidade de atividades.

Eles já... assim que eu percebo é... que eles já são bem familiarizados eles se conhecem, eles são de uma... eles são bem unidos, assim, enquanto turma, então têm alunos homossexuais, têm alunos com nome social, inclusive têm alunos que já são beem... eles se aceitam enquanto homossexuais, até por ser do ensino noturno, né, então, eles já... eles já se definem como homossexuais, então, eles, eu creio que não tenha tanto problema em relação à aceitação. Tá, então eles praticam as atividades, os meninos, né, homossexuais, normalmente são mais relacionados com as gurias, então eles se envolvem mais nas atividades com as gurias e os outros... é uma relação beem... bem tranqüila, assim, nesse aspecto de aceitação. Então, como eu disse anteriormente, quando eu divido a aula é por atividade, não é por sexo, então quem se identifica mais com um grupo faz primeiro com um grupo e depois a gente junta eles na mesma, na mesma atividade, mas em relação à aceitação é super tranquilo.

D - 3

1ª resposta

R. Bem, diversidade de gênero eu acho q ele é mais do que simplesmente homem e mulher, é... feminino e masculino, eu acho que é mais uma identificação própria de cada ser humano de como ela se define, né, como ser humano, como pessoa. Então, a gente tem um leque muito amplo que eu acho que a gente até acaba desconhecendo muito dessas nomenclaturas e tudo, mas acho que atualmente, né, a gente tem falado mais sobre o assunto e as pessoas têm se mostrado mais, e a gente tem conhecido mais na prática mesmo, né, então, é essa coisa que dizem 'ahhh nasceu menino, nasceu menina' isso o que, né, isso biologicamente falando, mas com o passar do tempo cada pessoa tem sua característica, a sua preferência, e vai se moldando de maneira diferente, e a gente vai entendendo e conhecendo como é que é essa diversidade enorme da pessoa se identificar na vida como pessoa.

2ª resposta

R. É, não tem como não trabalhar, né, porque principalmente trabalhando com adolescentes, né, e eles, hoje em dia, não têm mais essa coisa de esconder a sexualidade, né, então, ahhh eles mostram, eles falam, eles declaram muito abertamente a sexualidade e eu não tenho tido problema em relação a isso, eu não tive até hoje, eu nunca tive problema de preconceito, na sala de aula, por causa de menino gay, de menina lésbica, bi, nada desse sentido. Os adolescentes parece que... que eles se aceitam mais entre si, né, eu vejo preconceito mais em outras áreas como racismo, gordofobia, essas outras partes que têm sido bem mais difícil de trabalhar. Então, o que a gente faz, muitas vezes, quando tem algum olhar de algum aluno novo que ta entrando, e eles têm a curiosidade de saber se o aluno é gay ou se não é, porque hoje em dia eles têm curiosidade de saber, né, se entrou um aluno novo na sala que não é alguém que eles conheçam, então, eles já querem logo saber se o guri gosta de guria, se ele gosta de menino, então, em algum momento, a gente já toca nesse assunto, que aí alguém já, já fala, e eles mesmos já vão se conhecendo e, em algum momento, esse aluno mesmo já se declara se é, se não é, e já acaba com a dúvida ali, e não fica aquela, aquela, aquela...

3ª resposta

R. Antigamente tinha muito aquela coisa 'o fulano é bichinha, não tem mais o bichinha, não tem mais o bichinha. Hoje em dia o aluno é gay ou não é gay, pronto não tem. Eles se abrem muito mais na sala de aula com a gente. Às vezes eles se declaram em sala de aula e os pais nem sabem, né, então, não tem tido muito problema com isso, não tenho que traçar, assim, estratégia pra tocar nesse assunto, porque eles mesmos já chegam falando, já chegam contando, não tem cerimônia.

D - 4

1ª resposta

R. Eu entendo que é... é os vários, os vários, assim, por exemplo, hoje em dia é mais amplo esse assunto, né, que tem annn... antes era homem e mulher, né, hoje a gente já tem annn... transexual, tem gay, tem lésbica, tem... Então, eu acho, eu entendo que é todas as formas de se, de se representar, né, assim como personalidade, como, como tipo de gênero, né, gostar, gostar da outra pessoa e se relacionar consigo mesmo dessa forma, eu entendo que é uma... que é como tu se

posta perante à sociedade e consigo, é, é... feminino, masculino, né, nesse sentido de feminino e masculino ou outros.

2ª resposta

R. Eu... eu penso assim, ó, não especificamente que eu acho que ele corre como um tema assim, um tema transversal, né, eu não classifico meninos e meninas, tento não classificar na aula, mais, por exemplo, quando eu trabalho com futebol...hoje eu tenho as minhas meninas que jogam futebol separado dos meninos, eu acho importante porque as meninas elas tinham uma técnica menos...menor, assim, não, não desqualificando as meninas, mas pra elas poder jogar em quadra, no Ensino Médio, junto com os meninos, elas teriam que, que, que aprender melhor a técnica pra jogar junto com eles e, e também assim, annn...eles formam grupos, então, é bem, é bem complicado tu botar menino jogando com menina dentro do, do, da quadra. Então, eu preferi trabalhar, muitas vezes trabalho separado como a Educação Física de antigamente pra poder depois juntar, né, então, eu, eu... prefiro trabalhar um exemplo, né, do futebol, menino separado da menina, não, não misto, já fiz experiência com futebol misto e, e pra ano passado mesmo eu trabalhei uma interséries, incluindo o futebol misto pra poder incluir as meninas, porque não, a gente não tinha jeito de incluir as meninas no, na intersérie de futebol e aí tive que forçar um futebol misto, aí esse ano já tive mais meninas participando, então, foi uma evolução, eu acho, que daí, tipo, consegui fazer equipe feminina e equipe masculina, que daí propiciou mais meninas jogando. É um exemplo de gênero, né, mais masculino e feminino assim.

3ª resposta

R. Sim, separei no futebol por causa da força e da habilidade, já no vôlei eu... eu no vôlei, por exemplo, não... não é junto, não... não tem, jogam juntos, né, jogam juntos até sobre esporte. Raquete mesmo aí alguns meninos eu percebi mais habilidade, né, mais consegui jogar com eles ann... misturados, cada um com sua habilidade, fomos jogando sem competição também, não utilizei a competição para meninos e meninas.

É... é...hoje... hoje tá bem difícil. Assim, eu tenho ann... 38 alunos, por exemplo, no sexto ano do Ensino Fundamental e aí eu usei, utilizei bem de formas técnicas, por exemplo, eu quando... quando eu to ensinando pra eles, eu ensinei pra

eles, no primeiro trimestre, coordenação motora, as habilidades. E aí fiz tudo em forma de circuitos e brincadeiras, aí no terceiro trimestre que... que entrou mais iniciação esportiva, que eu fui, trabalhei, claro, eu fui trabalhando os esportes em grupinho. Vôlei, vôlei em grupinho ann... futebol fiz rodinha de chute a gol junto e separado, mais mesmo no Ensino Fundamental os meninos tinham mais habilidade que... eu peguei como exemplo o futebol, né, os meninos tinham mais habilidade no futebol do que as meninas, então tive que fazer alguns treinos separados, mais eu acho importante a prática junto no Ensino Fundamental, pelo menos assim no sexto ano, né, eu achei importante colocar eles jogar juntos.

Com certeza tem dificuldade em... de relacionamento deles com o grupo quando... quando se fala em homossexualidade, tanto de menino como de menina, eles demoram assim... assim, a formar umaa... a participar junto, a se misturar, a querer... a querer estar, né? Então, é bem... é bem complicado, é mais por isso até que, às vezes, eu separo até em grupos praa... Na aula de Educação Física faço um espaço coletivo de alongamento, de atividades, assim, de aquecimento junto, mas a maioria, a maioria das minhas aulas eu, eu separo em, em grupos, assim, pra poder, pra poder trabalhar melhor. E tanto eu, eu entendo assim, trabalho melhor mesmo a cultura de movimento, né, de cada aluno, porque com essa quantidade de aluno até em sala de aula eu prefiro trabalhar separado, porque cada um desenvolve melhor, eu... eu penso assim, ahh... tipo assim, às vezes eu tenho na aula um grupo de 12 crianças jogando futebol, tenho um grupo de umas 10, 15 jogando vôlei e outros trabalhando esporte de raquete, dum ladinho eu coordenando aquela atividade, fizemos um alongamento no início, faço mais uma brincadeira junto, às vezes não, às vezes a gente faz, eu divido eles em grupinhos assim, porque eu acho q aproveita melhor a aula.

Eu... eu sou, sim, eu sou muito curiosa, eu me entendo como uma pessoa muito curiosa, naa... naa... principalmente na minha área eu sempre tenho procurado novidades mesmo que não sejam só de gênero, assim, mas quando tu tem um aluno que se afasta ou que se diferencia, geralmente ouu... ou tem um aluno que é... que é especial, ou que é... ou tem um negro ali e o os outros são, né, diferentes, então, sempre que a gente tem umaa... umaa.. uma pessoa mais intimidada na sala de aula eu procuro trazer ele pro grupo. Claro com um período de aula, às vezes, ou dois é difícil pra ver o que quê acontece que ele não se mistura, eu tenho um no sexto ano, ali onde eu trabalho, que é... que é muito difícil colocar ele no trabalho em grupo,

tanto que ele é quieto, ele é retraído, e aí pra mim colocar ele, às vezes tenho que chamar um ou dois coleguinha que tão separado, pedir pra vim junto, aí com..., né, vou tentando incluir ele numa atividade, às vezes tem diferença também de coordenação motora, aí então não se mistura em função disso. E... e... é beem eu acho que a diversidade de gênero elaa... ela vai se misturando, bem isso, com outros temas, né, ela vai noo... no decorrer da aula, assim, ela vai se misturando, não é pelo fato de ser menino ou menina, ou ter uma homossexualidade diferente, uma sexualidade diferente, mas éé... depende bastante do professor, exige bastante, o sexto ano mesmo me exige bastante quando eu trabalho com eles.

É... é... nos anos iniciais... sexto e sétimo ano, oitavo, assim, até eles... eles fortalecer mais a personalidade deles e se compreender em si, né, com aquele corpo, o que faz com esse corpo, é ate porque eles são adolescentes, né, com corpo em fase de crescimento, não sabe, muita vezes, onde coloca essee... essee... onde coloca isso tudo, ondee... onde, como se comporta. E tem assim, por exemplo, posso dá um caso assim, tem, às vezes, uma menina muito ann... com a sexualidade muito extrapolada ou um menino, né, que... que tem, que tem muita maldade e ele tem, por vezes, têm uns mais intimidados e é época doo... doo... do bullying, né, da é época de tu tirar o tempo, tirar o sarro, se poder dizer... fazer... éé fazer pegação coom... com os colegas, né, a gente vê, sente muito isso na aula de Educação Física, a gente... eu... eu como tenho, eu acredito que eu tenho bastante sensibilidade, assim, dee... de enxergar isso me perturba muito, várias vezes eu tenho que parar, voltar pra sala de aula, ou quando a gente tá na sala de aula falar isso, no geral, como um todo. Eu várias vezes eu volto pra sala de aula e converso com eles, não que eu diga, assim, ahh... apontar o fulano e o fulano, mas, ahh... eu percebi. Eu sempre retomo minha aula lá na sala e digo assim: “ó, gente, eu percebi, assim, que tão fazendo”. Éé... éé... que existe esse preconceito, eu sempre tento falar pra eles. Eu disse: “nós vamos combinar aqui entre nós, como um grupo, na nossa turma, né, essa turma aqui, os seres que tão aqui, temos que conviver até o final do Ensino Fundamental, possivelmente todo mundo junto, então nós temos que se respeitar” eu tento trabalhar isso, assim, com eles bastante, porque, às vezes, eles extrapolam o limite do respeito, né, de tuu... de tu deixar o outro na individualidade, né? Tentar deixar que o outro fique bem não é fácil, né, não é fácil, porque é a fase que eles se cutucam bastante, né, se inticam.

D - 51ª resposta

R. Bom, assim, de uma maneira ampla, ou já especificamente, pra Educação Física, né, na minha aula... vou falar mais pela minha aula, tá?

Assim, é trabalhar ann... menino, menina, né, dentro das minhas atividades sem ter aa... a questão de priorizar. Ahh... essa atividade é de menino, essa é de menina, né, isso menino pode, menino não pode. A compreensão que eu tenho, assim, pra Educação Física seria isso.

Na realidade eu não trabalho com esse tema específico nas minhas aulas, mas ann... acaba surgindo situações na aula em que até eu vou pelo final da pergunta ali, né, estratégias... porque ann... invariavelmente a gente tem situações em que há esse conflito, né, entre menino e menina, essa questão de gênero de que um pode e outro não pode, ann... entre os próprios alunos e aí é a questão do professor intervir de que a atividade tem que ser pra todos, nesse sentido assim, mas não trabalho específico com ann... esse tema nas minhas aulas.

2ª resposta

R. É... perfeito, assim, ann... ann... como eu trabalho iniciais e finais, ann... nos anos iniciais até uma, há uma, não diria nem que uma aceitação, não há nem uma percepção dos próprios alunos em querer haver essa discriminação, mas nos anos finais,, atualmente não tenho nenhum aluno, né, assim, com essa... nessa situação, mas já tive, assim, tanto como a aceitação do grupo, sim, e também a aceitação do grupo, não, ann... quase que meio a meio de aceitar o diferente, né, ou não aceitar, então, eu... a minha experiência me mostra bem dividido, né, a questão da aceitação e da não aceitação das séries finais. Nos anos iniciais é... meio que se confunde isso entre os pequenos, assim, não terem essa... essa... não vou dizer ... essa... essa percepção.

3ª resposta

R. Na realidade junto com a outra pergunta anterior, né, não procuro, assim, mas através de conversas com outros colegas de participar num próprio, né, formação, né, já sobre esse assunto ann... a gente acaba na aula éé... colocando nosso ponto de vista naquilo que a gente acredita, né, de uma Educação Física pra todos, né, sem diferença de que isso um pode, outro não pode, né, mas não tenho,

assim, né, nenhuma metodologia pra isso, pra esse tema. Não, na realidade, assim ó, nunca tive a oportunidade, a oportunidade de parar a aula pra sentar com os alunos e conversar sobre esse tema que tenha sido explorado numa... numa própria situação de aula, mas já conversei, assim, com um e com outro, não em grupo, né, né, quase que individualmente, né, de que mostrar que cada um é de um jeito, que cada um faz aquilo que tem vontade de fazer, desde que não prejudique os demais e que não tá prejudicando ninguém. É, mas assim de sentar e debater o tema não, nem mesmo das escolas que eu já passei, assim, de ter um tempo específico pra se debater isso.